

○ Revisor



*Décio Machado*

# O Revisor

A Vida conquista a Morte  
quando a Morte conquista Vida

São Gonçalo  
2011

Copyright 2011 © Décio Machado

Capa: Denise Velasco e Alexandre Martins  
Diagramação: Alexandre Martins

## *Prefácio*

**S**empre considerei o prefaciador um leitor privilegiado. Geralmente é ele quem, depois do autor, mergulha profundamente no que está lendo com o firme propósito de perceber todas as nuances do trabalho literário e estabelecer um fio condutor para a sua apresentação. No caso de *O revisor* isto foi particularmente verdadeiro. Premido por muitos afazeres, tive que adiar por alguns dias a leitura do livro mas repentinamente senti a necessidade de fazê-lo. Foi à noite, passei pelas primeiras páginas no intuito de continuar no dia seguinte e quando dei por mim não consegui mais abandonar a leitura, o que só aconteceu nas primeiras horas da manhã. Uma força estranha me atraiu fatalmente para a trama engendrada pelo autor, fazendo-me participar de todo o desenrolar, como se estivesse envolvido fisicamente com ela.

Há alguns meses vi uma exposição do desenhista Maurits Escher no Centro Cultural Banco do Brasil e fiquei como que imobilizado diante de uma obra do mestre holandês na qual uma esguia mão segura uma esfera de vidro que reflete uma sala de estar com móveis, livros, quadros, janelas,

luminárias e um personagem no centro do quadro, tudo em formato circular. Levei algum tempo para decifrar que a figura era o próprio Escher segurando a bola de vidro com a mão esquerda enquanto com a direita descrevia com seus traços tudo o que via refletido na pequena esfera de cristal. Ignoro se Décio Machado viu este desenho e os demais da exposição mas não tenho dúvidas que os trabalhos dos dois artistas provêm da mesma gênese: a necessidade de criar dentro da própria obra. Nossos sentidos estão condicionados a nos apresentar as questões para que as interpretemos de fora para dentro. É assim que também nos comportamos frente à obra de arte, seja na literatura, seja na pintura. Contudo, Décio Machado, tal como o enigmático Escher, constrói os personagens e os flashes de seu romance de uma perspectiva interna, convencendo-nos que ele estava ali presente aos elos da trama, não como participante mas como um espectador invisível que tudo vê e relata, sem as sombras da imaginação.

A narrativa ágil e torrencial nos leva também a esquecer o tempo e a localização, visto que Décio nos propõe um sincretismo espacial e temporal, indispensável ao itinerário dos acontecimentos até seu inusitado desfecho.

O mestre do cinema Alfred Hitchcock dizia que o público frente a um filme tem que sentir medo, apreensão, incômodo, até

desembocar numa área de alívio que o devolva ao controle de si mesmo. Esta experiência está inteira em *O revisor*, o que me leva a afirmar que a coisa mais perigosa, mais subversiva que podemos fazer é observar e tentar ver integralmente a estrutura de uma realidade e quando claramente a vemos ela desaparece... e fica para sempre.

O que desejo ao leitor agora é que goze do mesmo prazer que tive durante o tempo de leitura do livro de Décio Machado. E se ouvir de repente o canto de um bem-te-vi, procure de onde vem. Pode ser uma nova surpresa.

Fernando Félix Carvalho

*presidente da Academia Gonçalves de Letras, Artes e Ciências.*



**O Revisor**



**V**erão de 1647, o sol nasce e o céu está límpido, podendo-se avistar gaivotas pousadas sobre as copas dos arbustos, onde os tons esverdeados das folhas transformam-se com a chegada das brancas aves que invadem os arvoredos da pequena Ilha de Itioca. Circulando o arquipélago, a cristalina água da Baía de Guanabara desliza suavemente, formando uma extensa correnteza marítima, porém essa torrente é frequentada por um casal de baleias azuis que nada com um filhote ao seu lado. De repente, surge uma nau da esquadra de Portugal e ancora no

Porto de Ibirapitanga. O Capitão Daluz desce imponente da embarcação, trajando uma impecável farda da marinha portuguesa, logo atrás, um subalterno leva em seus braços uma cesta feita de bambu com enormes camarões que ainda saltitam de tão frescos e entrega ao pároco da Capela Cristã. O chefe militar beija as mãos suadas do padre e entra na pequena igreja, os seus passos transmitem um ruído estridente provocado pelo atrito da bota de couro com o assoalho de tábua corrida que reveste o piso.

Daluz senta-se em um dos bancos do santuário, percebe que é observado por algumas beatas que murmuram freneticamente no salão paroquial e, em seguida, são chamadas à atenção pelo sacerdote. O carismático oficial sorri com os olhos pela atitude enérgica do vigário, e sente o aroma de um perfume doce, que, de imediato, desperta a sua curiosidade para descobrir a quem pertencia o frescor daquele encantamento. O Capitão olha para o lado e observa uma linda jovem de cabelos cacheados que também o admira, e, ao mesmo tempo, disfarça a sua inquietação por contemplar a masculinidade do comandante. Naquele instante, o coro de cinco vozes dá início à celebração da missa. Daluz aproveita a atenção provocada pelos cânticos para observar os lábios grossos e o queixo torneado da moça. Ela, por sua vez, deixa cair o lenço branco que enxugava a face e sutilmente olha para o

apaixonado homem. Daluz concentra-se e, de longe, consegue soletrar as letras bordadas no lenço de pura seda, Lúcia era o nome da expressão oculta, era a sólida materialização do amor, era o fascínio de um louco sedutor e agora um simples plebeu desorientado pelo frescor de um doce perfume que exala a sua alma e envolve o seu coração.

Quando o padre Eugênio convida os fiéis para a Eucaristia, Lúcia levanta-se e caminha elegantemente até o altar para a Comunhão. Daluz, ao vê-la com um lindo vestido branco de sutis bordados em rosa, emociona-se e o seu coração acelera como se fosse um corcel em galope, caminha até a fila, ficando atrás da moça para aguçar o prazer de ficar próximo daquela preciosidade. A fila anda e o Capitão admira a dança dos ombros da jovem, encantado, cada vez que ela se mexia mais, ele se apaixonava pela pele dourada, pelo cheiro emitido que nenhum amante ousaria resistir. Ela, sentindo-se notada, finge não entender o interesse do comandante e o seu orgulho de mulher desperta a sua autoestima ao sentir-se desejada por um homem tão poderoso e tão elegante como o Capitão. Lúcia recebe a hóstia e volta para o banco de madeira, ajoelha-se, abaixa a cabeça e faz o sinal da cruz. O Capitão faz o mesmo procedimento e quando levanta percebe que ela não mais se encontra sentada no banco. Perplexo,

olha atentamente para todos os lados e não mais a vê. Daluz dirige-se rapidamente para a porta da saída, com os olhos assustados, não encontra ninguém ao redor. Corre então pela única estrada que atravessa o bosque e só escuta o gorjeio de um bem-te-vi sobre sua cabeça. Ele fica anestesiado sem saber o que pensar e volta para a igreja, perguntando a uma senhora que estava sentada no banco ao lado de Lúcia. A religiosa afirma que não havia ninguém ao seu lado, na hora da missa. Daluz fica sem entender, despede-se do padre Eugênio que também confirma não conhecer nenhuma moça com aquelas características. O Capitão deslumbrado pela misteriosa mulher manda seus homens vasculharem cada canto da Ilha e descobre que não existe nenhuma moradora com o perfume tão doce, uma pele tão delicada e os cabelos cacheados como a sua Lúcia. Daluz peregrina até a mata e lágrimas rolam dos seus olhos. De repente, a mão de um homem bate em seu ombro e o chama:

- Pai, pai! Trago mais um livro para o senhor revisar.

Osman desperta de sua concentração da leitura, respira fundo, enxuga algumas lágrimas que ainda estão em seu rosto e fala ao filho:

- Ídiman, não gosto que me interrompa quando estou lendo, pois me envolvo com as emoções do livro e me sinto o verdadeiro personagem. Quando me chamou,

dividiu o meu corpo em duas vidas que foram decepadas em dois corações. Agora deixe ver essa nova obra que está em suas mãos.

Ídiman abaixa os olhos por reconhecer a sua inconveniência, e entrega o volume acompanhado de algumas observações.

- Pai, esse romance é um misto de realidade e sonho, ele também valoriza o regionalismo que tanto nos fascina.

- Deve ser interessante, já estou curioso com o conteúdo da narrativa, vou guardá-lo para depois ler. Agora, por favor, deixe-me sozinho.

Ídiman beija o pai e vai para o quarto, senta em uma confortável cadeira que está ao lado de uma mesinha no canto da parede, como era de costume, olha para alguns quadros que estão em uma divisória, admira o barco azul pintado a óleo que tinha como fundo a Baía de Guanabara e a Serra dos Órgãos. Ele sempre se fascina com as cores que dão uma atmosfera toda especial àquela representação. Em seguida, reflete por um instante e liga o computador que está sobre a mesa, e começa a digitar uma nova história de amor.

Osman permanece na biblioteca, pega o livro que despertou a sua emoção, “O CAPITÃO DALUZ” e sente o aroma do perfume doce da personagem Lúcia. Ele se espanta com a fragrância que, de repente, envolve o ambiente e observa uma sombra feminina a passar pelo vidro transparente da janela. Então fica assustado e guarda o exemplar na gaveta da escrivaninha. A seguir escuta passos na cal-

çada. Osman, um tanto estarrecido com o inesperado acontecimento, levanta-se de sua cadeira de rodas, e anda com dificuldade até o vitral para ver se reconhecia a misteriosa moça, mas não consegue identificá-la, pois os seus passos já estavam longínquos. Contudo, chama o seu filho que ainda encontra-se no quarto:

- Ídiman, leve-me até ao passeio público, pois quero ver se reconheço uma pessoa que passou em frente à janela da biblioteca.

O filho obedece sem interrogações, coloca-o em sua cadeira e o conduz ao calçadão da Avenida Central, onde carros passavam em alta velocidade à sua frente com os vidros fechados como se no mundo não houvesse pedestres. Depois de colocá-lo na calçada, Ídiman beija a testa do pai e retorna ao lar para prosseguir em sua tarefa. Sozinho, o revisor olha atento para todos os lados da via pública e aguça o olfato na esperança de encontrar a dona daquele agradável perfume. No entanto, nenhuma mulher se apresenta com o aroma desejado. Ele abaixa a cabeça, lembrando do passado que corroía o seu presente. Naquele mesmo instante, quando a incerteza toma conta do seu interior, o perfume mais uma vez invade a atmosfera. Osman levanta a cabeça atormentado e procura a posição do vento que conduz a sua expectativa de encontrar a enigmática moça. Ele olha para a direita e nada vê, olha para a esquerda e nada encontra, olha para frente e avista um táxi com uma linda jo-

vem de óculos escuros e cabelos cacheados que exalava o inconfundível aroma. Osman consegue anotar a placa do veículo e chama o filho para levá-lo de volta à casa, então telefona para a cooperativa de táxi, pedindo um carro com os mesmos dados que acabara de registrar. Vinte minutos depois, o táxi está em sua porta o aguardando, Ídیمان ao presenciar a condução em frente à residência, pergunta:

- Pai, o senhor vai sair?

- Vou, mas não tenho hora para retornar.

- Não quer que eu o acompanhe?

- Não precisa meu filho, sei me cuidar.

- Se é assim, tenha um bom passeio.

Osman se despede do filho com um beijo no rosto, e recebe de volta um carinhoso abraço e a seguir senta-se no banco traseiro do carro. O taxista dobra a cadeira de rodas do revisor, coloca-a no porta-malas e pergunta sobre o itinerário. Osman sutilmente responde com uma mentirinha:

- É o mesmo que deixou a sua última passageira, ela é uma amiga muito especial e me deu o número do seu carro como referência.

O motorista fica pensativo por alguns instantes, depois questiona:

- O senhor me desculpe pela sinceridade, mas essa estória está um pouco estranha.

- Você vai desconfiar de um homem na cadeira de rodas e com endereço fixo?

O taxista reflete sobre as convincentes palavras do passageiro e responde constrangido:

- O senhor tem razão. Por favor, perdoe-me, a minha profissão exige certo cuidado.

- Não tem problema, entendo a sua preocupação em preservar os seus clientes. Agora me leve a minha amiga.

- Sim senhor, estou a seus serviços, deixei-a em um restaurante, lembro porque o perfume dela era marcante. Confesso que em trinta anos de trabalho nunca senti tal aroma.

- Então estamos falando da mesma pessoa. Por favor, leve-me até ela, pois não se arrependerá pelo seu trabalho.

- Se é assim, sinto-me contratado pelo resto do dia.

Osman sorri para o gentil homem e sente o aroma deixado pela misteriosa jovem no interior do veículo, imagina-se ao seu lado, segurando suas mãos com a brisa batendo em seu rosto. De repente, o taxista freia bruscamente, tirando-o daquela utopia:

- Senhor, chegamos ao restaurante. É aquele do outro lado da praça.

Osman observa a maravilha do lugar com algumas árvores que embelezavam as calçadas e se encanta com os galhos de

acácia, balançando a favor do vento. Dessa maneira, idealiza Lúcia, passeando sobre as pedras portuguesas e caminhando em sua direção com os braços abertos para abraçá-lo e beijá-lo. Depois de tanto sonhar com aquele momento, o revisor pede ao taxista:

- Por favor, ajude-me a sair do carro.

O motorista coloca-o em sua cadeira motorizada, em seguida, estaciona no pátio do Teatro Savala que fica ao lado da praça. Depois se dirige para o restaurante, encontrando o revisor sentado à mesa com uma garrafa de vinho tinto suave e duas taças. O taxista fica surpreso com o cavalheirismo do passageiro:

- Chefe, infelizmente não poderei acompanhá-lo, pois estou em serviço e não posso beber.

Osman mais uma vez sorri e esclarece que a bebida é para ser degustada por ele e oferecida à amiga que pretendia encontrar naquele restaurante. O taxista fica sem graça, senta-se ao seu lado como quisesse desculpar-se pela precipitada conclusão. Assim, Osman autoriza o motorista a pedir um suco, ele aceita e conversam como se fossem velhos amigos.

Durante o diálogo o revisor olha atentamente para as mesas do estabelecimento, e não vê a moça do seu encantamento, verifica a saída do banheiro feminino e nenhuma mulher se apresenta com a acentuada fragrância. Então pergunta ao

garçom se atendeu a uma freguesa com um marcante perfume, o mesmo responde que sim, mas diz que a jovem tinha acabado de sair quando eles chegaram. Com a inesperada notícia, Osman fica decepcionado por não encontrá-la e enche a segunda taça de vinho, bebendo em um só gole. De imediato, paga a despesa para retornar à residência, pois se conscientizou que perdera a pista da suposta Lúcia.

Entristecido, dirige-se com o taxista ao estacionamento do Teatro para pegar o veículo, aproximando do local, presta atenção a detalhes da fachada do imponente prédio e se encanta com a bela arquitetura. Imagina-se com a dona do perfume, passando pelas portas para juntos participarem da programação daquele domingo.

De repente, um aroma encobre todo o quarteirão, Osman, atraído pelo odor, procura a moça em todas as direções e forma mentalmente um vulto nas escadarias do elegante anfiteatro. Afoito, ele sobe a rampa para deficientes e acelera a sua cadeira de rodas. O taxista o acompanha em disparada quase batendo em um grande vaso de plantas que enfeita a edificação. Chegando à portaria, a observa passar por um acesso lateral, ele tenta fazer o mesmo, mas um segurança o impediu de seguir em frente. Assim, compra dois ingressos na bilheteria para assistir à concorrida ópera que contava a tragédia de Otelo.

Osman e o taxista entram no saguão do teatro e ficam na área de cadeirantes, intrigado, olha ao redor para ver se acha a sua amada, mas nada encontra. Por outro lado, o taxista fascinado olha, admirando os lustres e as paredes decoradas de fino bom gosto.

As luzes se apagam, as cortinas se abrem em um total devaneio e uma voz masculina surge no centro do palco. Por um instante, Osman esquece-se de quem procurava e se delicia com o clamor do tenor que encanta os seus apurados ouvidos. A canção põe em êxtase a sua alma e inebria a sua emoção, o taxista pouco acostumado com a opereta leva a mão à boca e um bocejo incontrolável toma conta do seu ser.

Não obstante, mais quatro vezes se fazem presente no tablado e as luzes da ribalta são direcionadas para uma mulher extremamente maquiada que canta e encanta toda a plateia. Osman que já estava anestesiado por tanto esplendor entra em delírios quando sente o aroma do perfume doce a contagiar todo o teatro. Ele procura em todas as direções, mas não acha a sua misteriosa paixão, quando atenta para o palco descobre que o marcante perfume estava relacionado com a dona da marcante voz.

Osman espera o término da apresentação e vai direto ao camarim da misteriosa cantora. Chegando próximo da coxia, presente a jovem saindo pela porta dos fundos,

ele vai atrás de sua diva, mas ela desaparece na primeira esquina de uma rua deserta. O revisor volta ao camarim e pergunta ao elenco sobre a principal intérprete do musical e fica sabendo que não havia nenhuma mulher com aquela característica se apresentando naquele dia. Ele fica mais uma vez sem saber o que pensar sobre aquele mistério, uma profunda tristeza toma conta do seu coração e as interrogações pairam sobre sua cabeça como fagulhas a espetarem o cérebro tão maltratado por um passado obscuro e aparentemente sem solução. Osman chama o taxista e pede para levá-lo para casa onde poderia refletir e tentar descobrir o que de real estava acontecendo com aqueles desencontros.

Ele entra no carro e fica em um profundo silêncio, fecha os olhos na esperança de encontrar Lúcia em sua imaginação e, com isso, conseguir com a mística jovem todas as respostas necessárias para solucionar aquele enigma. Instantes depois, o taxista olha pelo retrovisor, vê Osman de cabeça baixa com as mãos trêmulas, segurando uma carta amarelada pelo tempo:

- O senhor está bem?

O revisor não responde de imediato, a sua voz embargada, não o deixa emitir qualquer reação. Passados alguns minutos, Osman levanta a cabeça, abre os olhos devagarzinho e enxerga pelo para-brisa a jovem de óculos escuros e cabelos cacheados passando a sua frente, pegando um táxi

amarelo. Osman, intrigado pela inesperada presença da moça, pede para o seu motorista segui-la, seja qual for o seu destino. O chofer alerta sobre o preço da corrida que poderia lhe custar um alto valor. Ele não se importa, pois o que teria a pagar seria insignificante, comparado ao prazer de desvendar aquele mistério.

Ela atravessa toda a cidade, em um veículo amarelo, seguindo em alta velocidade. Chegando ao Jardim Botânico avista uma estreita calçada, o automóvel da misteriosa jovem para entre dois carros, ela desce elegantemente pela porta traseira e entra por um portão de ferro que dá acesso ao horto florestal. Osman a reconhece de longe, admirando sua perfeita silhueta e confunde os seus cabelos alourados com as papoulas cor de mel do encantado jardim.

O revisor vai ao encontro da sedutora mulher como um adolescente apaixonado pela primeira namorada. Ela se encontrava a uma boa distância de Osman, que, passa por uma parreira de plantas exóticas e continua a caminhar entre lindas palmeiras imperiais, não obstante, encontra pela frente a estátua de uma Deusa Grega com um jarro de água nas mãos, molhando o interior do lago central que dá vida às vitórias-régias e mata a sede dos pássaros que ainda estão em liberdade. Ela senta-se em uma pedra, molha o rosto com a água cristalina da pequena fonte e descansa numa paz angelical.

Osman percebe que é o momento de se aproximar da jovem e falar com a dona do seu coração. Conseqüentemente passa pelas imponentes palmeiras, contorna o belo chafariz e quando se aproxima da pedra a qual a moça se sentava, já não a encontra. Ele procura em todas as direções e a sua esperança termina ao lado de uma imensa figueira que fica próxima da flor de maio.

Osman encosta a sua cadeira de rodas no tronco de um arbusto, olha para as folhas que estão sobre a cabeça e entre elas o céu se expõe um tanto comovido com a sua melancolia. Ele lembra-se do passado e retira do bolso do paletó a envelhecida carta que angustiava a sua vida. Apesar disso não a abre, pois não tem coragem de retirar o lacre que protegia o teor. Ele resistia em não querer descobrir o enigmático segredo que afligia a sua alma e agonizava o seu coração. Retorna a carta ao bolso e se dirige para o carro. Ao sair do Jardim Botânico, Osman vê mulheres com algumas sacolas, andando pelo calçadão, logo à frente avista uma feira de artesanato. Ele pede para o taxista encostar o veículo, desce do carro e compra ornamentos de garrafas plásticas, gafanhotos feitos de folhas de coqueiro e um cavalinho de corda e bambu. Posteriormente dirige-se para uma barraca gastronômica, ali saboreia um sanduíche natural e prova docinhos caseiros. O taxis-

ta o acompanha na degustação e também adquire algumas obras artesanais que lhe chamam a atenção.

Após as compras, o motorista conduz Osman até o veículo e dá partida no táxi. Em seguida, diminui a velocidade para apreciar o contorno da cidade. O revisor olha para os históricos prédios, uma antiga biblioteca, um desativado cinema e quando passa em frente ao Jóquei Clube, lembra-se de quando assistiu ao grande prêmio Brasil, e pede ao taxista para entrar no hipódromo. O chofer cautelosamente adentra no pátio do turfe, Osman desce do carro, senta-se em sua cadeira motorizada e sobe uma larga rampa, dali visualiza toda a arquibancada, cada centímetro do assento. De repente, o locutor fala estridente no microfone:

- Será dada a largada do primeiro páreo e o ganhão Jagode é o favorito do grande prêmio...

Osman não presta atenção na narração do speaker e só fica atento ao sentar e levantar das mulheres que se preocupam em exibir o elegante vestuário. Quando o taxista o alerta:

- Chefe, olha aquele cavalo árabe de crina negra que disparou na frente. Acho que está sendo conduzido por uma mulher, pois os seus cabelos estão esvoaçando a favor do vento.

Osman direciona os olhos em Jagode e confirma que é uma amazona que

conduz imponentemente o seu puro sangue para a vitória. Em disparada, o revisor acentua a cadeira de rodas entre o apertado público e se aproxima do local de premiação. Ele olha atento para todos os concorrentes, mas não encontra a quem procurava. Desconsolado, abaixa a cabeça e lágrimas caem dos seus olhos.

O taxista fica comovido ao sentir a tristeza de Osman e a sua boca se cala, pois não encontrava palavras para consolar um homem perdido e deprimido. Assim, os dois se dirigem em silêncio até o veículo, e saem do hipódromo debaixo de uma pequena garoa que se faz presente. Segundos depois, o rádio comunicador notifica o chofer:

- Francisco Dias, por favor, responda!

- Dias na escuta!

- Companheiro, Jorge Ricardo está em dificuldade em frente ao Zoológico Municipal. O carro caiu em um bueiro, furou dois pneus e não tem estepe suficiente para continuar em sua jornada. Pode ajudá-lo?

- Um momento, já responderei.

Francisco Dias olha para Osman e pergunta:

- O senhor se importa que eu preste um socorro? É um colega de trabalho.

- Sem problemas, devemos ser solidários.

O chofer agradece a compreensão de Osman, a seguir responde ao chamado do rádio:

- Dias falando!

- Pois não, central na escuta!

- Estarei no local, prestando socorro ao companheiro daqui a quinze minutos.

- Ok! Avisarei ao cooperativado. Obrigado pelo apoio. Central desliga.

Os dois se dirigem ao zoológico, encontram Jorge esperando o socorro, Francisco Dias retira o pneu sobressalente e leva-o ao companheiro. Entretanto, quando se aproxima do veículo sente o aroma do marcante perfume em seu interior. Por sua vez, Osman também pressente a inebriante fragrância e apressadamente entra no zoo, encontrando a suposta Lúcia com um guarda-chuva na mão, caminhando entre as alamedas que separam os animais. Discretamente o revisor segue os seus passos e a observa, apreciando os tucanos com as suas penas multicoloridas e o seu bico alongado, comendo algo que parecia uma avelã. Depois disso, a misteriosa moça toma a direção até os macacos e fica um bom tempo admirando o chipanzé a fazer graças como se fosse o próprio homem. O símio cruza as pernas, coça a cabeça, cobre-se com uma manta deixada pela administração do zoológico e faz caretas. A jovem põe a mão na grade como se quisesse contemplá-lo, e segue na visitação até chegar aos felinos, que estressados, andam desesperadamente de

um lado ao outro na jaula, como desejassem a sonhada liberdade. Desse modo, ela continua a caminhar até ao cerco de um velho elefante, comove-se com o olhar entristecido do animal e desaparece ao contornar o lago onde nadavam os pinguins.

Osman, mais uma vez frustra-se por não conseguir falar com a moça, teimosamente vasculha o território das girafas e dos rinocerontes, quando a encontra deitada em um pequeno bosque ao lado dos gansos-do-norte, ali ele possibilita ver a descritiva jovem de lábios grossos e queixo torneado, escrevendo uma carta. Ao terminar, ela guarda o pequeno papel em seu bolso e deixa cair na relva um lenço de pura seda, depois desvanece entre os apaixonantes flamingos. O revisor se aproxima da relíquia de pano, pega em suas mãos e lê num verdadeiro espanto: Lúcia Maria era o nome descrito em bordados eloquentes. Lúcia Maria era a volúpia do amor e a prova existencialista da paixão. Então cheira a seda e consome o aroma. Entorpecido pelo perfume, o revisor fica paralisado sem saber o que fazer quando a mão do taxista bate em seu ombro:

- Chefe, está tarde! O zoológico está quase fechando!

Osman ainda resistente em sair do local argumenta com o taxista, mas se conscientiza que tem que ir embora:

- Tem razão, vamos nos retirar.

Osman reflete sobre todo o ocorrido sem saber como desmistificar aquele mis-

tério que envolvia a sua paixão. O taxista, observando a mudança de comportamento do passageiro, fica em silêncio para não atrapalhar a meditação do seu novo amigo. Chegando a casa, Francisco Dias para em frente ao portão, Osman pergunta sobre o valor da corrida, o motorista olha a bandeirada e lhe dá o salgado preço, Osman pede para aguardá-lo e vai buscar o dinheiro na gaveta da escrivaninha. Ao passar pela sala, atente para Ídiman no quarto, trabalhando no computador, mas não o atrapalha em sua tarefa. Quando retorna, o taxista já não está em sua porta. Ele fica sem entender porque o chofer não quis receber pelo batede, surpreso retorna para a biblioteca. Ali retira o paletó, pega a antiga carta do bolso e fica a olhar por alguns instantes, respira fundo e num ato de coragem remove o lacre que a envolvia e se assusta ao notar a caligrafia masculina no papel, mesmo assim começa a ler:

- Amor, um enfermeiro me contou que você sofreu uma lesão na coluna e terá dificuldades de locomoção. Estou no quarto ao lado, rezando pela sua recuperação e esperando a minha morte. Mas não se culpe, pois não foi responsável por esse trágico acidente quando o caminhão desgovernado nos atingiu. Quero dizer que o amo como nunca amei ninguém. Fique certo que jamais o abandonarei, sempre estarei em seus sonhos, em seus livros e me transfor-

marei em personagem, toda vez que revisar um romance para ficar junto a ti e você não se esquecer de mim.

Agora vem a lembrança da nossa lua de mel em que me presenteou com aquele marcante perfume e o pingente de ouro no formato de coração. Aquele dia foi inesquecível, passeamos por toda a cidade, caminhamos no Jardim Botânico, assistimos à corrida no Jôquei Clube, desfrutamos da Ópera no Teatro Municipal, visitamos o Zoológico e almoçamos no restaurante da praça. Ainda sinto o sabor do vinho e do risoto de camarão em minha boca. Querido gostaria que levasse o nosso Ídیمان para conhecer todos esses lugares, ele só tem um aninho e vai precisar muito do seu amor. Adeus e um beijo no seu coração: Lúcia Maria.

Osman dobra a carta e coloca-a em um paletó que está no armário, em seguida, compreende o que aconteceu: Lúcia cumprir a promessa em permanecer em todos os seus passos. Perplexo por descobrir o enigma, Osman resolve tomar um banho, depois relaxa em sua cama e dorme profundamente, sonhando com a amada nos momentos mais sublimes de sua vida.

Pela manhã, resolve visitar o Cemitério de São Gonçalo onde estava sepultada a sua esposa e leva um buquê de rosas vermelhas para o seu eterno amor. Ao aproximar-se do campo-santo, escuta o gorjeio

de um bem-te-vi que voava sobre sua cabeça. Osman num misto de contentamento e tristeza se sente atraído por alguém que não via, mesmo assim acelera a sua cadeira de rodas entre as estreitas campas que assombravam o lugar. Chegando ao túmulo de Lúcia Maria, ele coloca o ramalhete de flores num jarro envelhecido e percebe uma jovem de costas, fazendo o mesmo procedimento em outro sepulcro. Osman faz o sinal da cruz, fecha os olhos, e pensa em sua cara metade. De repente, o bem-te-vi começa a gorjear em um galho de acácia que dava sombra ao lugar. Naquele momento, o aroma do inconfundível perfume invade o quarteirão que delimitava o cemitério, o revisor abre os olhos para descobrir de onde vinha a doce fragrância e se assusta por não mais ver a jovem que estava a sua frente. Ele olha em todas as direções e a admira de óculos escuros, passando pelo portão de saída. Fica abismado e fala para o retrato de Lúcia que estava fixado no jazigo:

- Você voltou para mim e quer que a siga até o fim. Por que não diz o que pretende desse homem que a ama e que tanto lhe quer?

Depois do monólogo com a figura da falecida, Osman vai atrás da jovem Lúcia que tinha acabado de sair pelo portão principal. Ele a segue de longe até a Igreja Matriz. O revisor entra na basílica quando escuta mais uma vez o gorjeio do bem-te-

-vi sobre o candelabro. Ele passa pela pia batismal feita de pedra sabão e fica ao lado do banco de madeira próximo ao corredor, dali olha atentamente ao redor para ver se encontrava a quem procurava. De repente, uma fila se forma para a Eucaristia, Lúcia levanta-se de um dos bancos e dirige-se para receber a hóstia. Ao vê-la, o revisor espera pelo seu retorno, mas ela não retorna e sai pela porta lateral que dá para uma rua secundária. Osman a segue pelas calçadas quando a jovem entra em um corredor viário, ali percorre todo o logradouro, atravessando o bairro. Inesperadamente, ela entra em um casarão colonial. Osman continua observá-la, a jovem sobe as escadas laterais do histórico monumento e fica na varanda, olhando a linha do horizonte. Ele olha para a sua face, nota refletir o brinco de ouro na aurícula da suposta Lúcia e reconhece o presente que lhe deu na lua de mel. Enlouquecido por querer falar com a jovem, Osman não se contém e grita freneticamente, exigindo a presença de Lúcia Maria a seu lado. Ela finge não escutá-lo e sutilmente caminha até a porta principal do casarão onde desaparece como um fantasma.

Com a impossibilidade de vê-la, Osman continua chamando pelo seu nome, querendo de alguma forma abraçar o seu corpo e beijar a sua boca. Naquele instante, um grupo de senhores aparece na porta do casarão, dizendo que não havia nenhum

visitante no complexo arquitetônico. O revisor não aceita a explicação e continua pedindo a presença de sua amada. Desolado por não ser atendido, Osman levanta-se de sua cadeira de rodas, tenta subir as escadas que dá acesso ao casarão e cai batendo com a cabeça na parede do corrimão. Com o rosto sangrando continua a gritar:

- Quero a minha Lúcia! Eu a amo e não posso viver sem a sua presença. Devolvam o meu amor, devolvam a minha vida. Lúcia! Lúcia! Lúcia!

Vendo o descontrolado homem caído no chão, as pessoas o levantam e o levam para um hospital psiquiátrico. Chegando à clínica, os médicos lhe aplicam várias injeções que o fazem dormir. No outro dia, ao abrir os olhos, encontra Ídiman a seu lado, beijando a sua testa e alisando os seus cabelos:

- Pai, o que houve para o senhor ficar assim?

- Meu filho, a sua mãe voltou e me quer junto a ela.

- Como pode, ela está morta há anos.

- Lúcia retornou com o mesmo perfume que lhe dei quando nos casamos. Fomos ao teatro, a pracinha e ao zoológico. Ela está tão bonita e deixou uma carta que explica tudo detalhadamente.

Ídiman olha para o pai com uma profunda tristeza, não acreditando em uma só palavra que saía da sua boca. Escuta

mais algumas explicações sem sentido, e novamente acaricia seus cabelos, beija carinhosamente a sua face e vai falar com o psiquiatra do manicômio.

- Doutor, o senhor acha que o meu pai vai melhorar?

- Acredito que sim. Só depende dele.

- O que o senhor aconselha fazer para ajudá-lo?

- O amor ainda é o melhor remédio. Venha visitá-lo diariamente e escute-o em seus devaneios. O tempo vai fazê-lo se conscientizar do que é real.

- Doutor, obrigado pela orientação, estarei aqui pela manhã, se houver algum imprevisto é só telefonar.

- Fico contente que ainda existe filho que se preocupa com os pais, se todos pensassem assim, o mundo seria muito melhor.

- Doutor, papai sempre foi o meu grande amigo. Agora farei a minha parte para apoiá-lo.

Ídiman despede-se do médico com um forte aperto de mão, depois caminha desconsolado pelos corredores do hospital e algumas lágrimas caem dos seus olhos. Contudo, vai para casa, vasculha nas gavetas da escrivaninha e nas roupas de Osman para ver se encontrava algo que o ajudasse a entender a mudança de comportamento do seu progenitor. Ele se depara com a carta da mãe no bolso do paletó e fica surpreso quando a lê. A seguir se deita na cama

e dorme profundamente como um bebê. No outro dia, acorda cedo, toma o café e vai para o hospital visitar o querido pai. Enquanto isso, Osman levanta-se do leito do sanatório e pede para falar com o responsável do plantão.

- Doutor quando terei alta?

- Sr. Osman, isso depende exclusivamente da sua melhora.

- Doutor, não estou doente, só tive um momento de descontrole emocional e se o senhor estivesse no meu lugar teria o mesmo impulso.

- Já que o senhor está consciente dos seus atos, diga com detalhes sobre o que aconteceu antes de ser internado.

Osman conta as circunstâncias do começo ao fim, frisando que a sua esposa se transformou em personagem do livro que revisava. O médico descrente com a história do paciente, olha piedoso para o doente e faz uma dura repreensão:

- Sr. Osman encare esse período de afastamento da vida social como se fosse um momento de reflexão, o senhor não terá alta.

- Doutor, não posso ficar internado por muito tempo. Lúcia está me esperando para ficarmos juntos.

- Eu sei, meu filho, pelo jeito ela nunca o deixará.

- Ainda bem que o senhor me entende e com certeza me dará alta o mais rápido possível.

- Claro que o entendo e vou chamar um amigo para ajudar a encontrar a sua esposa.

Osman sorri e muda de feição quando vê o enfermeiro com uma injeção na mão.

- Não sou louco! Não sou louco! Não sou louco! Estou falando a verdade.

Naquele alvoroço, chega Ídiman e fica surpreso com aquela cena.

- Doutor, o que está acontecendo?

- Meu filho, fique calmo! O seu pai acabou de ter uma outra crise emocional, demos um calmante para relaxá-lo.

O revisor adormece, quando acorda encontra o filho ao seu lado com alguns livros nas mãos e um radinho.

- Pai, trouxe esses livros de sua biblioteca que lhe farão passar o tempo e a música o acalmará por dentro.

- Fez bem, meu filho, tenho muito orgulho de você, vou sair dessa situação, mostrarei que tenho razão. Agora beije o meu rosto e vá para casa, não quero que me veja nesse estado.

Ídiman soluça, fechando os olhos, depois caminha cabisbaixo pelos corredores da clínica. Porém pede a Deus que tudo volte ao normal.

Logo após a saída do filho, Osman levanta-se do leito, põe o rádio para tocar e uma ópera faz soar aos seus apurados ouvidos. A seguir abre cuidadosamente um dos livros, O CAPITÃO DALUZ, desfolha com

atenção as suas páginas e esconde debaixo do colchão. Quando chega a noite vem a mudança de plantão e um novo enfermeiro se apresenta com extrema amabilidade, levando-o para um quarto especial onde o manda sentar em uma estranha cadeira. Ali, enlaça seus braços, suas pernas e, em seguida, liga a tomada para liberar a corrente elétrica. Osman sente a energia passar pelo frágil corpo e chegar a cabeça, com isso, a sua língua enrola, seus olhos esbugalham e treme por alguns minutos. O revisor desmaia, liberando espuma pelo canto da boca. Pela manhã desperta, encontrando Ídiman lhe dando um beijo na testa. Ele não revela a sua agonia, pois não queria repassar tristeza ao querido filho.

Depois de três meses de sofrimento, Osman escuta um barulho de carro entrando no pátio do sanatório, curioso ele olha pela grade do aposento e se espanta quando reconhece Francisco Dias descendo do automóvel. O taxista é recebido com carinho pelos funcionários e aperta a mão das pessoas com certa intimidade. Depois de alguns minutos, ele abre a porta do quarto e entra sem nenhuma cerimônia no dormitório do revisor. Osman olha para o chofer, não entendendo aquela inesperada visita e lembra que o taxista sumiu do seu portão na hora de receber pelo trabalho.

- O que o senhor está fazendo aqui, por acaso veio receber pela corrida?

- Não é nada disso. Esse não é o verdadeiro motivo da minha aparição.

- Se não é isso, então do que se trata?

- É um assunto muito particular e pode custar a sua vida.

- Já estou preocupado! Fale logo o que está acontecendo:

- Osman, antes de ser taxista fui enfermeiro de muitos hospitais e presenciei a morte de muita gente, estou aqui para preveni-lo sobre as coisas que podem ocorrer se você não cooperar.

O revisor se surpreende com as palavras rudes de Francisco Dias e fica acuado na posição que se encontrava.

- Dias, por favor, seja objetivo em sua explicação.

- Vim fazer um trato.

- Que trato é esse que não estou entendendo?

- É simples, o seu futuro dependerá da sua decisão.

- Então diga logo, porque estou apreensivo e angustiado com esse mistério.

- Serei prático. Você quer sair desse hospital ou permanecer aqui pelo resto da sua vida?

- Claro que quero sair desse lugar, não suporto ficar sofrendo nessa prisão imunda.

- Então, estamos nos entendendo. Se realmente quer a liberdade diga onde

escondeu o valioso livro do século XVII que conta o romance do Capitão Daluz. Esse exemplar é precioso e sei que está em sua posse.

Osman arregala os olhos não compreendendo como o taxista descobriu um segredo que só ele e sua falecida esposa sabiam. Por um momento mente para o aterrorizante homem.

- Não sei do que o senhor está falando.

- Se continuar negando a existência do alfarrábio\* apodrecerá nesse hospício como um louco, pois alguns funcionários dessa instituição são meus sócios nesse empreendimento.

- Não acredito em uma só palavra do que disse.

- Não precisa acreditar, pois a sua opinião não me interessa, mas quero que saiba que Lúcia também está do meu lado.

- Você é um mentiroso, a minha esposa nunca me trairia.

- Então veja com os seus próprios olhos.

De repente, o aroma doce invade todo o quarto, o revisor se assusta ao ver entrar Lúcia Maria com um lenço de pura seda na mão.

- Lúcia, você também faz parte dessa conspiração?

(\*) Alfarrábio: livro

Ela não responde, abaixa a cabeça e continua em silêncio. Entretanto, o taxista dá um debochado sorriso e exclama:

- Esta jovem não se chama Lúcia Maria, mas sim Dolores Fanassem, que contratei para enganá-lo e torná-lo um louco sem credibilidade.

- Ela se parece por demais com a minha Lúcia quando era jovem. Como pode ser isso?

- Confesso que deu muito trabalho para encontrar uma mulher com tal semelhança.

- Como descobriu esses detalhes da minha vida?

- Quando era enfermeiro estava de plantão no dia do seu acidente que deixou sequelas em sua coluna vertebral e perfurou os pulmões da sua esposa. Antes da morte, ela pediu-me para redigir uma carta.

Naquele instante, Osman descobre de quem era a caligrafia masculina que registrava os detalhes do enigmático bilhete que guardou durante anos. Surpreso continua ouvir a revelação de Francisco Dias.

- Lúcia confidenciou a existência do raríssimo livro, O CAPITÃO DALUZ que por casualidade encontrou no porão de uma capela que fica às margens da Baía de Guanabara. Agora diga onde está a valiosa relíquia ou fique aqui para sempre!

Por um instante, Osman tem vontade de dar um murro naquele crápula, mas

respira fundo para se acalmar e fica indeciso em confessar onde estava guardado o seu segredo. Antes de decidir o que fazer, queria saber com detalhes toda a trama criada pelo taxista.

- E os brincos que estão na orelha dessa impostora, era da minha esposa. Como conseguiu obtê-los?

- Lúcia me deu juntamente com um retrato do seu casamento que estava na bolsa dela. Ela me fez prometer que o entregasse assim que tivesse alta do hospital. Mas os guardei para executar esse plano.

- Você é um monstro sem alma e sem coração. Nunca pensei que existisse uma pessoa tão repugnante. Mas ainda tem algo que não sei como conseguiu realizar.

- Pergunte-me que falarei, pois será um prazer para mim, dizer como o iludi.

- Quando fui ao teatro atrás dessa impostora, esperei o término da apresentação da opereta e perguntei as pessoas no camarim se a conheciam e todos responderam que não. Como pode ser isto já que ela se apresentou para o grande público?

- É simples. No dia anterior do canto lírico estive no anfiteatro e me apresentei como jornalista. Orientei todos do elenco a não revelar a identidade da misteriosa intérprete, o mistério seria o grande gancho para despertar o interesse do público.

Osman, ao ouvir o macabro plano de Francisco Dias, sente-se um tolo nas

mãos maquiavélicas de um louco, que só via a riqueza como único objetivo de vida. Inesperadamente, o revisor escuta o gorjeio do bem-te-vi sobre a janela e uma calma toma conta do seu coração.

- Como poderei confiar em um homem que possui duas faces?

- Aqui está a declaração assinada por um médico, autorizando-o sair desse hospital.

Osman pega o documento da mão do repugnante homem e lê vírgula por vírgula. Depois vai até a cama, levanta o sujo colchão e apanha o antigo livro que Ídiman acidentalmente pegou na gaveta da escrivaninha e entrega-o.

- A riqueza não está em quem a toma, ela só prospera nas mãos de quem honestamente a conquista.

Francisco Dias não se sensibiliza com a profundidade das palavras transmitidas por Osman. Com um sorriso sarcástico vai embora num deboche sem igual. Dolores, antes de se retirar olha nos olhos de Osman e uma lágrima rola pelo seu rosto, posteriormente segue apressadamente o comparsa. O revisor fica paralisado com a inesperada atitude da moça e sente um arrepio, respira fundo, guarda seus pertences e vai para casa com um indefinido sentimento. Ídiman se espanta com a repentina presença do pai entrando na sala:

- O senhor teve alta?

- Sim, meu filho. Já estava na hora de retornar.

- Por que não avisou para buscá-lo?

- Ansiava deixar aquele lugar. Espero que entenda.

- Claro que compreendo e estou contente com o seu retorno, a casa ficou muito triste sem a sua presença.

Osman sorri extremamente orgulhoso com as palavras do filho, mas oculta os acontecimentos que o levaram a liberdade. Contudo, vai à cozinha, prepara um chá de capim limão, senta à mesa e conversam longamente. O filho mata a saudade enquanto a mãe do pai acaricia os seus cabelos como a lua aconchega o vento e a criança retarda o tempo.

Na verdade, Osman vê em Ídیمان o orgulho de sua criação como Lúcia fora o orgulho da sua juventude. Depois de algumas horas de pura nostalgia, o filho lembra que chegou uma carta endereçada ao pai. O revisor leva a correspondência para a escrivaninha da biblioteca, abrindo o envelope, vem o aviso:

- Senhor Osman é com carinho que torcemos pela sua recuperação, pois soubemos da sua internação. Sendo assim, arranjamos um outro revisor para suprir o seu afastamento da nossa empresa, encaminharemos um novo comunicado quando precisarmos dos seus serviços.

Ao término da leitura, Osman rasga o aviso que o fez desempregado e joga em uma cesta de lixo. Contudo, chama o filho e comunica sobre a desastrosa notícia. Pai e filho ficam tristes, mas enfrentam a nova realidade até que apareça uma outra oportunidade para recomeçar a vida. Infelizmente as portas se fecharam e Osman ficou sem perspectiva de futuro, pois qual empresa daria oportunidade a quem acabara de sair do hospício. Depois de seis meses de incessante procura por um outro trabalho, chega uma outra carta e o revisor esperançoso a abre:

- Senhor Osman Ribeiro, comunico que iremos cortar a sua energia elétrica, verificamos o acúmulo de duas faturas em nossos registros.

O revisor fecha os olhos e fica extremamente triste, pois nunca em sua vida havia passado tal constrangimento. Ídیمان percebe a tristeza do pai e pergunta:

- E agora, o que iremos fazer?

- Calma meu filho, quando a neblina está em nossa frente não enxergamos o caminho da estrada, mas esperamos até que o vento sopra para encontrarmos a saída. Tenha fé que tudo se resolverá.

Ídیمان se enche de esperança com as palavras do pai, retorna para o computador e continua digitando o livro que propunha a fazer. Osman o observa da sala, reflete por alguns instantes sobre o acontecimento, olha para a biblioteca como pro-

curasse em suas divisórias a solução para os seus problemas, mas fica sem resposta. Então fecha os olhos preocupados e dorme sentado em sua cadeira de rodas. Quando acorda não enxerga nada a frente, pois a escuridão tomou conta da casa, então chama pelo filho:

- Ídiman, o que está acontecendo?

O filho com uma voz engasgada, responde cautelosamente ao pai:

- Infelizmente tenho má notícia.

Osman lembra-se do comunicado da companhia elétrica quando uma dor machuca o seu coração, ele respira fundo e tem uma iluminada ideia:

- Ídiman, como os escritores renascentistas faziam para escrever os seus livros à noite, se naquela época não havia luz elétrica?

- É fácil, eles usavam lamparinas.

- Exatamente, vamos improvisar uma?

- Claro que sim, acho uma boa ideia.

Ídiman pega debaixo da pia uma lata de óleo vazia, enche de querosene que limpava as peças da cadeira de rodas do pai, molha um barbante com o líquido inflamável e enfia no buraco da lata, deixando um pedacinho para fora, a seguir acende o pavio do improvisado lampião, a luz reflete em todas as direções, fazendo sombra nos objetos que os cercavam, dando a sensação de estar no século XVI. A fumaça que saía

da chama flutuava serenamente no ar, bailando até o teto. Osman segue com os olhos o carbono negro quando avista sobre o lustre o bem-te-vi que tanto o seguia. O revisor fica feliz com a presença do pássaro que o observava sobre um olhar carinhoso e depois de alguns minutos, lança-se em um solitário voo e sai pelo vitral da janela. Ele fica pensativo e um tanto comovido com a presença da ave em sua casa, pois ainda não entendia por que o pássaro tanto o seguia.

Osman aproveita o acontecimento e inspira-se para fazer desenhos com a sombra das mãos que refletia a luz do lampião sobre a parede da sala. Com extrema facilidade, reproduz uma bela ave, um cachorro de boca aberta, um mico leão dourado e um homem desdentado. Ídiman não se contém e cai na gargalhada. O pai se contagia com a alegria do filho e também sorri como uma criança que o adulto tem dentro de si. Depois de se divertirem, Ídiman pede ao pai que declame alguns poemas.

Pela manhã, alguns vizinhos batem em seu portão, o revisor os atende com desconfiança:

- Bom dia! Em que posso ser útil?

- Senhor Osman, sabemos que é um bom homem e viemos em solidariedade. Ontem à noite, sua casa estava praticamente apagada e só se via uma fraca luz acesa na sala. Houve algum problema que podemos ajudar?

O revisor fica constrangido em dizer que fora cortada a luz, o filho ao observar algumas pessoas no portão, aproxima-se para ver o que estava acontecendo. Naquele momento, Osman cria uma pequena estória para se livrar daquela delicada situação:

- Agradeço a preocupação de todos, entretanto, ontem foi um dos dias mais felizes da minha vida.

Os vizinhos se olham, não entendendo o que Osman queria dizer com aquela solta expressão. O revisor continua:

- Eu e o Ídiman revivemos os anos do Descobrimento do Brasil, foi uma experiência fascinante que nunca iremos esquecer.

As pessoas novamente se olham, pensando que Osman estava delirando. Mesmo assim perguntam:

- Poderia ser mais claro em suas palavras. Como uma pessoa pode voltar no tempo?

- É simples, apagamos todas as luzes da nossa casa, improvisamos um lampião e o acendemos no centro da sala. Depois disso, declamei poemas de Luiz de Camões e José de Anchieta ao redor da chama, vocês deviam experimentar.

Os vizinhos arregalam os olhos e num tom de surpresa ponderam:

- Que ideia maravilhosa reviver os antigos literatos da nossa história.

Um estudante que fazia parte da comitiva expressa o seu sentimento:

- Adoro poesia, inclusive tenho algumas escritas em meu caderno.

Ídiman, pressentindo a empolgação do grupo pensa em juntar o útil ao agradável:

- Proponho que todos participem e contribuam para o chá literário.

Um professor colabora com cinco notas de dez.

- Ídiman, aqui está a minha parte para continuarmos o projeto. Todos deveriam se espelhar nessa ideia e construir núcleos de reflexão cultural.

Com essa iniciativa, Osman foi tocando a vida onde vendia livros e folhetins que lhe garantiam a sobrevivência.

Um ano se passa, Osman está na biblioteca revendo a sua coleção quando Ídiman desliga o computador e sai do quarto:

- Pai, vou dar um volta e não tenho hora para retornar.

- Aonde você vai?

- Não se preocupe, irei caminhar na praia, e mais tarde assistir a um filme no cinema do São Gonçalo Shopping Rio. O senhor quer vir comigo?

- Hoje não, estou com vontade de ler uma fábula chamada ADAFLOR\* cujo autor é um grande amigo.

(\*) "Adaflor" - fábula do mesmo autor.

O filho beija o rosto do pai e o deixa sozinho. O revisor pega o volume, desfolha algumas páginas e começa a ler a história da menina alada que perdeu a visão quando achou uma relíquia de ouro no chão. Quando está no segundo capítulo, o perfume da falecida esposa mais uma vez contagia todo o ambiente e um vulto de mulher passa pela janela. Osman fica paralisado sem saber o que pensar. De repente, escuta passos no quintal, logo um bater na porta da sala. Nesse instante, ele treme as pernas, e pergunta:

- Quem é?

Ninguém responde e um silêncio toma conta do quintal. Perturbado torna a perguntar quem estava do outro lado da porta e um repentino choro chama a sua atenção. Osman abre vagarosamente o acesso que dá para a varanda e encontra Dolores Fanassem em prantos. Ele lembra-se da falsária que se passou por Lúcia e planejou junto com Francisco Dias a sua falência moral e financeira. O revisor fica vermelho de raiva e diz em tom de revolta:

- O que está fazendo em minha casa sua charlatona? Não se sente satisfeita com o mal que cometeu. Aposto que é mais um plano para me pôr de novo no hospício. Saia imediatamente da minha casa, sua trapaqueira.

A mulher de lábios grossos e queixo torneado enxuga as lágrimas com um lenço de pura seda, depois fala soluçando:

- Osman perdoe-me por está em sua casa, pois sei que errei e mereço escutar as suas agressivas palavras, mas peço que me ouça pelo amor de Deus.

- Dolores, você ainda tem a coragem de pedir para ouvi-la. Não acredito em nada que sai da sua boca.

- Osman, a vida nos traz grandes surpresas, às vezes, acreditamos no errado e não damos chance a quem merece ser ouvido. Reflita e deixe-me dizer o que vim fazer aqui.

O revisor cala-se por um instante, olha para Dolores Fanassem, vendo a imagem de Lúcia Maria. Ela estava linda como a lua e brilhava como manhã de primavera, a sua pele bronzeada harmonizava com os brincos de ouro que sutilmente iluminavam a face. Envolvido por aquele encantamento, o revisor deixa a sofrida mulher falar das suas aflições que agonizavam a vida, mas antes de escutá-la a repreende:

- Dolores, já que pedes uma chance para se explicar, serei piedoso em ouvi-la, entretanto, fique certa de que as suas palavras não mudarão a minha opinião sobre a sua conduta.

- Agradeço por sua compreensão em me escutar, pois tenho algo muito importante para te falar, por isso, não tire conclu-

sões precipitadas para não jogar pedras na pessoa errada.

O revisor fica curioso com o comentário de Dolores e ouve a amargurada mulher:

- Osman, talvez não acredite no que vou dizer, no entanto, fique certo de que é a mais pura das verdades: conheci Francisco há três anos quando sofri um acidente automobilístico, ele era o enfermeiro do pronto-socorro onde fui internada.

Osman fica surpreso com a casualidade, pois também tivera um acidente automobilístico e fora atendido no mesmo hospital, contudo, pede para continuar o esclarecimento:

- Quando o meu automóvel caiu no abismo, por sorte, a porta do motorista se abriu e fui jogada para fora do veículo, bati com a cabeça em uma pedra, e perdi totalmente a memória, só me lembro de um bem-te-vi a cantar sobre o meu corpo. O carro incendiou e fiquei sem nenhum documento. Francisco cuidou de mim, ficamos amigos, com isso, ele aproveitou o meu estado emocional e a minha semelhança para me fazer acreditar que eu era Lúcia Maria.

De imediato, Osman conclui que o taxista planejou cada detalhe do seu maligno plano, então pede à Dolores que prossiga com a explicação:

- Francisco disse que conhecia o homem que provocou o meu trágico acidente.

A partir daquele dia enchi o peito de vingança, e vivia só para destruí-lo.

Por um instante, a sofrida jovem abaixa a cabeça. Osman a observa atentamente e o ódio sobre aquela mulher se transformou em piedade, “pobre alma que também foi enganada por um homem sem pudor e sem princípios”. O revisor imbuído de fraternidade vai à cozinha, pega um copo-d’água e oferece à mulher. Ela com as mãos trêmulas deixa entornar algumas gotas do precioso líquido em seu vestido branco de sutil bordado em rosa. Osman lembra-se da mesma roupa que comprara para a esposa no dia da lua de mel, entretanto, pergunta:

- Bonito vestido, onde adquiriu?

- Foi uma ideia que tive, eu mesma fiz, adoro coisas de época.

Osman fica surpreso com a coincidência de gosto da jovem e a pede para continuar a sua surpreendente história. Ela mais calma, olha para os lindos cabelos grisalhos de Osman, dá um pequeno sorriso e continua em sua explanação:

- Quando saí do hospital, Francisco me presenteou com um par de brincos e um marcante perfume. Agora sei que o pingente pertenceu a sua esposa e vim devolvê-lo juntamente com tudo que te foi roubado.

A jovem retira da bolsa um documento registrado em cartório e entrega a

Osman. Ele, extremamente curioso, lê em voz alta:

- Eu, Dolores Fanassem, deixo todo o meu patrimônio para o senhor Osman Ribeiro, incluindo as ações que estão no banco francês, a mansão em Milão, os dois restaurantes em Portugal e o palacete em São Miguel. Estes pertences são devolvidos ao legítimo dono que através da venda do seu raríssimo livro fora adquirido esses bens.

O revisor fica boquiaberto, não acreditando que recebera tamanha fortuna, a seguir olha para a jovem, não entendendo o porquê daquela atitude tão nobre.

- Dolores, quatro coisas me intrigam nesse momento: O que fizeram com o meu raríssimo volume? Para onde foram quando me roubaram? O que aconteceu com Francisco Dias e quais os verdadeiros motivos que a levaram devolver o meu patrimônio?

- Osman são muitas interrogações que faz ao mesmo tempo, mas as responderei, pois estou aqui no intuito de me redimir.

- Então fale, pois estou um tanto curioso.

- Quando o encontrei no hospital psiquiátrico não sabia da existência do valioso livro, fiquei surpresa quando Francisco exigiu a relíquia. Com a posse da raridade, seguimos para o aeroporto internacional e viajamos para a Europa, vendemos o volume para um colecionador que já nos espe-

rava em um luxuoso hotel, posteriormente nos casamos nos lindos Alpes Suíços.

Num tom de revolta, Osman pede para Dolores continuar a explicação, com voz de arrependimento, ela continua naquela afirmação:

- Depois da lua de mel, Francisco expôs toda a trama, não ocultando nenhum detalhe sobre o macabro plano que arquitetou para lesá-lo. Salientou que utilizou a minha falta de memória para eu passar por sua falecida esposa, com o propósito de enlouquecê-lo e fazê-lo prisioneiro naquele horrendo hospício.

Osman fica mais irado ao descobrir com detalhes a atitude de Francisco Dias, e comprova que se tratava de um golpista, que aproveitava a bondade das pessoas para explorá-las.

- Como se sentiu ao descobrir que estava casada com um monstro?

- Naquele momento me revoltei com um homem que dizia ser meu amigo, mas, na verdade, era o meu inimigo.

- E depois, o que fez ao descobrir esses fatos?

- Ameacei contar todo o caso a polícia e devolver o que te pertencia.

- Como ele reagiu ao se sentir ameaçado?

- Francisco ficou louco de raiva pela minha intenção e tentou matar-me. Quando trouxe a arma em punho, inexplicavelmente um bem-te-vi entrou pela janela do

quarto, pousou sobre o armário e olhou-o com o semblante acusador. Instantes depois, Francisco mudou de comportamento e começou a gritar como tivesse visto um fantasma.

Osman lembra-se do bem-te-vi que tanto o seguia e acha irreal a participação do pássaro em sua vida. No entanto, continua a perguntar:

- Por acaso lembra-se das palavras de pavor que saíam da boca de Francisco Dias?

- Claro que sim, aquele instante jamais saiu da minha mente.

- Então me diga com exatidão porque quero saber o que se passa em uma mente tão doentia.

- Francisco gritava alto num grande desespero como visse a verdadeira Lúcia:

- “Ela voltou, sinto o seu perfume, por favor, não me condene, não me condene”.

- E depois?

- A seguir deitou-se e dormiu como uma criança. Pela manhã, deixou uma carta assinada, passando todos os seus bens para mim, logo saiu desorientado e sumiu na primeira esquina. Procurei-o por meses e não o encontrei, a única pista que obtive foi um casaco de pele largado em um lago congelado, próximo a uma estação de esqui.

Com o relato de Dolores, Osman relembra todo o mal que Francisco Dias tinha cometido por pura ganância, e se pergunta

como um homem aparentemente simples e gentil se transformou em um ser perverso e sem escrúpulos. De repente, olha para Dolores Fanassem e dispara uma interrogação.

- Minha jovem, quem é você afinal?

- Osman, é uma pergunta que não sei responder, quando perdi a memória, fiquei sem passado. Não me lembro dos meus familiares e nem sei quem sou, confesso que retornei para o Brasil, buscando respostas, pois sinto que você é a pessoa mais importante da minha vida. Agora só tenho a certeza de amá-lo profundamente.

O revisor fica ainda mais surpreso com a declaração de amor de Dolores e, de imediato, responde:

- Você está ficando louca, não me conhece o suficiente para despertar esse sentimento.

- Não sei explicar, quanto mais entender, porém o que sinto vai além da paixão.

- Acho que está iludida com a minha maneira de ser.

- Como pode ter essa certeza, você não está dentro de mim.

- Na vida não temos certezas e sim intuições.

- Falando em percepção, quando o conheci, senti o elo que faltava para resgatar o meu passado. Não falei nada porque a ocasião não era apropriada, mas sabia que

um dia íamos nos encontrar para ficarmos juntos.

- Dolores, não quero admitir, mas confesso que senti o mesmo quando a conheci.

- Então, o que falta para ficarmos juntos?

- As coisas não são tão simples como pensa, você aparece do nada e, de repente, quer o meu amor.

- Sim, quero o seu amor, pois o que sinto é algo que nem pode imaginar.

- Dolores, preciso de um tempo para definir o meu sentimento.

- Osman, não quero causar desgosto, nem obrigá-lo a ficar comigo.

O revisor lembra-se da esposa e sente a fragrância de Lúcia no corpo de Dolores. Ela aproveita o momento, flexiona seus lábios e beija a boca de Osman com uma grande ternura. Ele corresponde a sua carícia, depois a empurra, dizendo que só amava uma mulher que se chamava Lúcia. A jovem abaixa a cabeça e lágrimas caem dos olhos. Osman levanta o seu queixo e lhe dá um sorriso. Os dois ficam envolvidos por tanta paixão e mais uma vez se beijam. Naquele minuto, o bem-te-vi aparece e gorjeia como nunca gorjeou e voa sobre as suas cabeças como um sedutor. Depois de se acalmarem, eles olham para o pássaro e Osman faz um comentário:

- Dolores, não sei o que esse passarinho quer comigo, ele sempre aparece quando estou comovido.

- Osman, esse bem-te-vi é o mesmo que me salvou quando Francisco quis me matar, ele também apareceu quando bati em uma pedra no acidente automobilístico.

Eles conversam profundamente sobre o assunto e várias suposições passam pela mente, mas ficam sem respostas sobre aquele mistério que tanto os envolve. Depois mudam de conversa:

- Dolores, como falarei ao meu filho sobre o nosso relacionamento, depois da morte da mãe ele nunca me viu com alguém?

- Não se preocupe, tenho certeza de que entenderá e viveremos como uma bela família.

- Acho que tem razão, devemos lutar por tudo que nos faça feliz, essa é a lei da vida.

- Não sabia que você filosofava, é tão bom ouvi-lo.

- Não se surpreenda, essa é a minha maneira de dizer as coisas. Agora preciso de um vento em meu rosto para me sentir vivo e tentar descobrir o que de real está acontecendo na minha vida.

O dois vão para a praça que fica a um quarteirão da sua residência, Dolores senta no banco de madeira, próximo ao jardim. Osman retira uma flor vermelha de hibisco que estava a seu lado e a presenteia.

Por sua vez, ela cheira as pétalas e põe nos cabelos, o revisor sorri como um menino.

- Dolores, confesso que depois de Lúcia você foi a única mulher que conseguiu abalar o meu coração.

- Também estou contente por encontrar um homem tão compreensivo.

- Dolores não precisa elogiar, pois as suas palavras me deixam um tanto constrangido. Agora preciso do seu apoio para tomar uma decisão.

- Não sei do que se trata, mas tenha certeza de que pode contar comigo.

- É um sonho que carrego desde quando saí do hospital. Tenho vontade de comprar a clínica psiquiátrica onde fui internado, o que acha?

- Investir em saúde mental é um ato extremamente nobre. Acho uma boa ideia comprar o manicômio.

- Se pensa assim, então já me decidi.

Osman detalha os planos que tinha para reestruturar a clínica: a criação de uma escola de música e um pequeno teatro para os internos.

- Que ideia iluminada! Com esses aparelhos culturais, fará um belo trabalho.

Imbuídos de solidariedade, eles dirigem-se ao hospital psiquiátrico e procuram o proprietário da casa de saúde. Doutor Pedro Gago, diretor presidente os recebe e pergunta por que o interesse. Osman responde que fora um ex-interno e queria

contribuir na recuperação de pessoas incompreendidas pela sociedade, deste modo, assinam o contrato e concretizam o negócio. Logo após, demite toda a diretoria e mais alguns enfermeiros, posteriormente visita os quartos dos acamados, encontrando pacientes amarrados à cama. O revisor solta as amarras dos enfermos e destrói a cadeira que dava choque nos doentes. De repente, escuta no final do corredor uma voz sofridora que gemia e angustiava em uma solitária. O revisor acelera a sua cadeira de rodas com Dolores a seu lado e vai ao encontro daquele sofrido clamor. Uma enorme porta de ferro impede o acesso à trágica prisão. Pega a chave que se encontrava em um gabinete e retira o enferrujado ferrolho da grade, vagorosamente entra num temeroso lugar. A escuridão era tanta que não o deixava ver o desolado prisioneiro, aproximando repara o rosto desfigurado de um homem. Osman reconhece Francisco Dias e se assusta com o inesperado encontro. Naquele momento, o bem-te-vi reaparece entre o estreito corredor e começa a gorgear.

O revisor, já acostumado com a presença do pássaro, sente-se aconchegado com o seu canto e segura os braços esqueléticos do ex-taxista, Dolores o ajuda arrastando-o até a área de ventilação. Naquela angústia Francisco Dias delira e diz repetidamente:

- Lúcia, me perdoe pelo amor de Deus; perdoe-me pelo amor de Deus.

Osman, ao ouvir as palavras do decadente homem, fica, em silêncio, como não quisesse crucificá-lo por todo o mal que cometeu.

- Confesso que sinto piedade desse pobre moribundo.

Dolores emociona-se por ouvir a clemência de Osman e sente vontade de expressar a emoção que a envolvia.

- Compaixão é um sentimento que conforta a alma, por isso, sinto orgulho por estar ao lado de um homem com tamanha grandeza, ajudando a quem um dia o prejudicou.

Osman finge não entender as sábias palavras de Dolores e continua dando assistência a Francisco Dias. Ela, por sua vez, desperta a curiosidade de saber como Francisco veio parar naquela prisão. De repente, um vento frio sopra no corredor, balançando os lustres e derrubando uma cesta de papel que estava sob a janela. Assustados encontram uma carta amassada junto ao lixo. Dolores a pega e a lê em voz alta:

- Doutor Antônio Mariz, mando boas notícias, já que consegui encontrar o nosso sócio Francisco Dias. Estava no seu encalço há três semanas e sabia que estava morando na Suíça. Por sorte o encontrei perambulando ao lado de um conhecido lago. Viajaremos de volta para o Brasil o mais rápido possível, já que estou ansioso para pegar a minha parte na venda do valioso livro.

Daquela maneira Osman e Dolores descobrem como o ex-taxista veio parar naquela suja prisão. Eles entreolham-se, guardam a carta e continuam cuidando do enfermo. Contudo, Francisco melhora, mas permanece a delirar, querendo o perdão de Lúcia.

- Dolores, ele quer ser perdoado pela minha falecida esposa, levá-lo-ei até a sua sepultura, lá se sentirá melhor.

- Não sei se vai funcionar, mas vale a pena tentar.

Eles vão ao cemitério. Entrando no campo-santo, sentem ser observados por um vulto, mas nada veem, quando se aproximam do frio túmulo, rezam uma prece. Inexplicavelmente o misterioso bem-te-vi reaparece e pousa no galho de uma árvore. O ex-taxista segura no braço de Osman como se temesse o passado. Dolores sente um arrepio e aperta as mãos frias do amado. Por algum motivo, o pássaro voa por cima do mausoléu, passando sobre algumas campas e repousa na tumba de Lúcia. Os três ficam anestesiados com a inesperada atitude do bem-te-vi, assim observam a ave se envolvendo em uma intensa luminosidade e se transformando em um sublime anjo. Perplexos com a metamorfose do pássaro, eles se ajoelham, esperando um milagre acontecer quando o pequeno arcanjo começa a dizer:

- Não se assustem com a minha nova aparência, pois essa é a minha existência, sou o enviado da luz e me chamo Zarpe.

Depois de uma pequena pausa, Osman questiona:

- Zarpe, quem é você afinal?

- Meu querido amigo, sou o seu anjo da guarda e tenho a missão de acalantar o seu coração.

Com aquela inesperada resposta, Osman fica surpreso sem saber o que fazer. No entanto, respira fundo e continua a dialogar:

- Se você tem essa incumbência como me deixou naquele hospital que me fez tanto mal?

- Meu querido amigo, às vezes, temos que ser testados para entender o verdadeiro significado da felicidade.

- Zarpe, não entendo nada do que diz. Que teste é esse que nunca ouvi falar?

- Meu querido amigo, escute-me com atenção: o taxista que era seu amigo se transformou em inimigo, mesmo assim, você o acolheu quando ele precisou. Esse foi o grande passo para a sua felicidade.

- Zarpe, não vejo nada de anormal perdoar a quem nos faz mal. Acho que assim a natureza conspira a nosso favor.

- Meu querido amigo, belas palavras que saem de sua boca, sinto-me orgulhoso de ser o seu protetor.

- Zarpe, diga logo o que veio fazer, se não vai me enlouquecer!

- Meu querido amigo, vim lhe dar o que sempre desejou, ou seja, o retorno da sua esposa Lúcia.

Osman cala-se e cai em uma profunda meditação, em seguida fala para o anjo da sua proteção:

- Isso não é possível, ela já morreu.

- Osman, fique sabendo que Dolores Fanassem e Lúcia Maria são a mesma pessoa. Ela está aqui para te amar até o fim.

O revisor fica paralisado, não acreditando no que estava ouvindo.

- Zarpe, isso é inacreditável, não consigo crer no que está a me dizer.

- Meu querido amigo, quando Lúcia morreu a sua dor se transformou em amor. Contudo, resolvemos lhe dar esse presente que simboliza a regeneração de tudo que é bom.

- Mas se ela estivesse viva, teria a minha idade, e não a juventude de Dolores.

- Meu querido amigo, tudo nessa vida é relativo, o tempo da luz não é o tempo da cruz. Ela foi transformada em uma linda menina.

Osman emociona-se com as palavras do anjo, mas continua descrente. Dolores dá a sua opinião:

- Zarpe, eu não sou Lúcia, pois não existe nada que comprove esse fato.

- Minha querida amiga, é normal que as pessoas não aceitem a revelação, mas provarei a sua verdadeira identidade através da sua personalidade.

Dolores fica apreensiva com as seguras palavras do anjo e aguarda a esperada prova.

- Minha querida amiga, abra o seu coração e me escute com atenção: o estilo de roupa que usa é o mesmo de Lúcia. Lembre-se de que você desenhou e confeccionou esse modelo.

Dolores comprova a semelhança do vestido que se encontrava na fotografia do jazigo. Zarpe dá um sorriso e continua:

- O perfume que usa é o mesmo de Lúcia. A sua fragrância não a deixa feliz?

- É verdade, não consigo ficar sem esse aroma, com ele me sinto envolvente.

- Agora se lembre do acidente automobilístico e atente que Lúcia também se acidentou na mesma estrada e caiu no mesmo abismo.

- Por que isso?

- Tive que provocar essa coincidência para fazê-la encontrar o enfermeiro Francisco no mesmo hospital onde Lúcia Maria, falecera.

Naquele instante, Dolores acredita que era a encarnação de Lúcia, respira fundo e cai em prantos abraçando Osman como estivesse reencontrado algo que nunca havia perdido:

- Agora entendo porque me sinto tão feliz a seu lado, o meu coração dizia que era o elo que faltava para completar o meu ciclo de vida.

Osman também crê que Lúcia retornou depois de tanto tempo, fica embriagado de emoção e beija-a.

- Zarpe, obrigado por trazê-la de volta. Não sei se sou merecedor em reaver esse amor.

- Meu querido amigo, você conquistou essa dádiva por merecimento, pois foi capaz de ensinar como é bom perdoar em todos os momentos.

Osman dá um sorriso. A seguir faz um pedido um tanto comovido:

- Zarpe, a minha felicidade não está completa, ainda tem algo que me entristece.

- Meu querido amigo, não fique assim e conte tudo para mim. Diga o seu sentimento, mostre-me o que sentes por dentro.

- Gostaria que Francisco Dias se curasse.

- Meu querido amigo, diga a Francisco o que seu coração mandar e descobrirá que o perdão é dádiva de Deus!

Osman olha para o ex-taxista e fala com uma grande satisfação:

- A vida nos parece tão difícil quando não reconhecemos o lado bom que nos cerca, precisei de um anjo para me mostrar a verdade de quanto vale uma boa amizade. Agora reconheço que sem você não haveria o meu reencontro com Lúcia, por isso, agradeço e peço a Deus que o cure.

Com as palavras de Osman, Francisco Dias teve uma grande melhora, mas continuava repetindo:

- Ela voltou! Ela voltou! Preciso do seu perdão para acalmar o meu coração.

Naquele momento, o Anjo fecha os olhos, levanta a cabeça em direção ao infinito e diz:

- Meu querido amigo, não precisa se preocupar, pois no final todos saberão como é bom amar um irmão.

Após ouvir o Anjo em sua plenitude, Osman fica, em silêncio, esperando o desenrolar daquela situação, quando Zarpe fala para Lúcia:

- Agora faça a sua parte, Francisco veio aqui para ser perdoado por ti.

Lúcia sente um calor no peito e começa a falar com jeito o que o seu coração mandou.

- Francisco, agora entendo a sua missão que foi dar luz a minha escuridão. Por isso, não precisa repetir porque o perdão já está sobre ti.

Ao ser desculpado, Francisco Dias fica livre dos maus procedimentos e torna-se um outro ser naquele momento:

- Lúcia, estou feliz por entender a minha atitude que aparentemente era imoral, mas tinha o propósito de lhe fazer o bem quando lhe fazia mal.

- Francisco, não precisa justificar, já entendi o que o anjo planejou para cultivar o amor.

- Lúcia, obrigado por me perdoar. Quero continuar seu amigo para não esquecer que um dia fomos instrumentos de uma mesma melodia.

- Se é isso que queres, abraça-me com amor, pois seremos amigos em todos os sentidos sem nenhum rancor.

Lúcia e Francisco se abraçam, Osman presenciando a recuperação do ex-taxista, também compartilha da alegria. Zarpe, ao observar a amizade formada pelos três, sorri como um redentor, pois descobriu que eles compartilhavam o mesmo amor. De repente, um fenômeno acontece e o Anjo desaparece, ele se evapora como nuvem levada pela brisa e eles ficam olhando o desencanto da despedida. Minutos depois, uma voz envolvente fala nos seus ouvidos:

- Queridos amigos, a vida é feita de idas e vindas, por isso, sigam os seus destinos até o momento derradeiro. Mas não se preocupem com as coisas que virão, pois a vida é um enigma que sustenta a nossa ilusão. Sejam felizes até o fim, não olhem para trás e, se possível, não se esqueçam de mim, já que estarei a todo tempo na chuva ou no vento ao lado de vocês, para juntos seguirmos a nossa missão de fazer feliz a quem se diz ser o nosso irmão.

Após ouvir o Pássaro-anjo, Osman, Lúcia e Francisco Dias saem do campo-

-santo e caminham vagarosamente entre as estreitas campos. Na trajetória, deparam-se com o portão de saída onde estava escrito: A VIDA CONQUISTA A MORTE, QUANDO A MORTE CONQUISTA VIDA. Eles refletem sobre o texto, olham para Lúcia como a sua existência fosse a concretização daquela frase. Depois abaixam a cabeça e fazem o sinal da cruz. Logo tentam localizar Zarpe, mas nada encontram, olham na alameda e nada acham, continuam a caminhar. Finalmente deixam o cemitério. Quando chegam à rua, Osman dá sinal para um táxi, eles seguem pelo corredor viário. Era setembro, as acácias enfeitavam as avenidas com as cores da primavera.

De repente, Osman tem uma iluminada ideia, pede ao taxista que siga até uma agência de automóveis onde poderia adquirir um veículo. Chegando, observa vários modelos que ofuscam os seus olhos de tão lindos e atraentes. Pede a Francisco Dias que escolha um exemplar de sua preferência, Francisco não aceita, alegando que não fez nada para ganhar o estimado presente. Com a resistência do ex-taxista, Osman cala-se e o admira por ser tão ético. Mesmo assim, chama o vendedor e escolhe um luxuoso automóvel. Pegando as chaves, entrega a Francisco:

- De hoje em diante será o meu motorista e não quero te perder de vista. Contudo, faremos um trato que agradará o seu coração.

- Que trato é esse?

- Como será o meu chofer, eu lhe pagarei um justo salário, e descontarei mensalmente o valor do carro.

Francisco Dias fica sem argumento e, sem saída, vai para o carro dar a partida. Feliz da vida senta-se entre o banco e o volante, e vai direto para casa do patrão com um sorriso no rosto que externava o gosto de conduzir naquela direção. Ao estacionar em frente da residência, Francisco abre a porta do veículo para Osman e Lúcia saírem, Ídiman se assusta com o luxuoso carro no portão:

- Pai, o senhor acertou na loteria, está de carro novo e chofer? E essa jovem que está a seu lado quem é?

Osman olha para Lúcia, segura as suas mãos, respira fundo e diz ao filho:

- Ela é a sua mãe que retornou depois de anos.

Ídiman não entende o conteúdo da resposta e acha que Osman estava realmente louco:

- Pai, o senhor está bem?

- Claro que sim, nunca em minha vida me senti tão lúcido.

- Então por que está falando que a mamãe voltou? O senhor sabe que depois de morrer não temos como renascer.

- Ídiman, também pensava assim até que um Pássaro-anjo me mostrou como renasce o amor.

- Pai, não entendi nada, poderia explicar com detalhes o que quer dizer?

Osman elucida ao filho os pormenores, e salienta que agora era um homem rico com propriedades até na Europa. Ídiman escuta com desconfiança a argumentação do pai, mas não o contesta. Após o diálogo, Lúcia corre para abraçar o filho:

- Eu voltei e nunca mais o abandonarei.

Ídiman coça a cabeça, não acreditando no que estava acontecendo e fica ainda mais surpreso quando Francisco Dias entra na conversa, dizendo que era casado com Lúcia. Por tantos absurdos ele resmungava baixinho:

- Papai endoidou de vez, não fala coisa com coisa e ainda traz esses dois loucos para a nossa casa. Ele deve ter uma boa razão para agir assim, tenho que tentar entendê-lo, pois é o meu pai e o amo.

Depois de balbuciar, Ídiman vai para o quarto, deita-se em sua cama e dorme pensativo. Osman vai para a sala, ali conversa amistosamente com Lúcia e Francisco:

- Hoje é um dia especial em nossas vidas, temos que encará-lo como um grande ensinamento.

- É verdade, somos a prova viva que tudo aconteceu, são fatos que nem todos acreditarão.

De repente, Osman pega Lúcia pela mão e a leva até o quarto. Ao entrarem no

aposento, ela repara a penteadeira que refletia no espelho o abajur, no canto esquerdo, próximo às cortinas que batiam suavemente sobre a cama. Ela não resiste e abraça Osman. Ele diz comovido:

- Ainda não terminou, agora olhe no armário.

Trêmula por tanta curiosidade, ela abre devagarzinho a porta do guarda-roupa, encontrando as peças que vestia o corpo de Lúcia Maria, as vestimentas estavam no mesmo lugar como estivessem a esperando. Osman retira de um dos cabides o vestido rosa com bordados feitos à mão e o entrega à moça:

- Você quer se casar comigo? Se aceitar, esse é o vestido que vai usar.

- Claro que sim, é o que mais desejo nessa vida.

Eles se beijam apaixonadamente quando Lúcia lembra-se de que ainda é casada com Francisco Dias. Osman a pega pelo braço e a leva para a sala, ali pergunta para o ex-taxista:

- Você se importa em pedir o divórcio?

- O meu casamento teve um único objetivo, o de aproximá-lo de Lúcia. Por mim, tudo bem!

Eles vão para o fórum, oficializam a separação e seguem para o restaurante com o propósito de comemorar o grande momento. Francisco os deixa próximo à praça e estaciona no pátio do Teatro Municipal, e se

recorda de todo o acontecimento que envolveu aquele romance. Depois caminha até o restaurante, encontrando Osman sozinho, sentado à mesa com uma garrafa e duas taças de vinho. Francisco Dias fica surpreso ao ver o amigo desconsolado, senta ao lado e sutilmente pergunta:

- O que aconteceu para você ficar assim?

Osman não responde e começa a soluçar. Francisco Dias olha ao redor e não encontra Lúcia.

- Osman, onde ela está?

O revisor enche as taças de vinho, depois começa a murmurar:

- Não sei se sou vencedor ou perdedor, não sei se choro por uma perda ou por um ganho. Só sei que dói por dentro.

Francisco Dias não entende as palavras de Osman, mesmo assim torna a perguntar:

- E Lúcia, onde está?

- Ela retirou-se ao toailete para retocar a maquiagem.

- Então por que está chorando?

- Hoje é o dia mais feliz da minha vida. Obrigado por tudo que fez por mim.

Francisco Dias também enche os olhos de lágrimas e responde no mesmo tom:

- Só conquista um amigo quem compartilha sinceridade.

Os dois se abraçam quando Lúcia chega e senta ao lado:

- Osman, quero lhe pedir um favor.
- Lúcia, peça que a atenderei.
- Gostaria de fazer um novo documento.

- Que documento é esse?

- Gostaria de fazer uma nova identidade. Dolores já não existe, ou melhor, nunca existiu.

Naquele instante, o gorjeio do bem-te-vi ecoa pelos galhos de acácia que dava sombra ao restaurante. Eles olham atentamente para ver se encontravam o Pássaro-anjo, mas só o vento carrega as flores do arvoredor. Eles ficam em silêncio, esperando algo acontecer, mas nada acontece, nada muda, tudo permanece como antes, apesar disso ficam na expectativa com o possível retorno do pássaro. Depois de alguns minutos, Osman quebra o sossego:

- Vamos ao fórum!

Depois de trocar os documentos, Lúcia fica eufórica em conseguir o que tanto desejava. Osman a abraça, festejando com enorme alegria e, por descuido, esbarra com sua cadeira de rodas em uma pedinte na saída do atendimento jurídico. A pobre mulher que mendigava, aproveita e pede alguns trocados para a filha que estava faminta. O revisor penaliza-se por esbarrar em uma mãe tão necessitada, e se encanta com a beleza da moça. Ele observa seus cabelos aloura-

dos e os seus grandes olhos castanhos, em seguida, deslumbra-se com a face da filha que trazia a lembrança de alguém que não conseguia relacionar, no entanto, abre a carteira e lhe dá uma bela quantia para fazer compras. Francisco Dias, presenciando a comovente cena, retira a jaqueta que vestia o seu corpo e cobre os ombros nus da jovem mãe. Lúcia, ao vê-las empoeiradas, pega o lenço de seda que estava em sua mão e limpa o rosto das duas. Contudo, apanha o frasco de perfume da bolsa e dá a pobre mulher, ela passa no pulso e sente o aroma do bálsamo como estivesse no céu entre as estrelas. Grata pelo carinho, segura a filha no colo e mostra para Lúcia como estivesse pedindo socorro. Osman, ao observar o melancólico drama, beija a face da menina que lhe dá um doce sorriso, e um estranho arrepio passa pelo seu corpo.

Depois da solidariedade, eles seguem para o carro, como deixasse para trás um pedacinho de si. Osman, Lúcia e Francisco Dias percebem pelo retrovisor o sumir de mãe e filha, elas também notam o veículo desaparecer na extensa avenida. Chegando a casa, Osman comenta a triste realidade dos moradores de rua:

- Como uma jovem mãe pode está desamparada com uma filha nos braços, será que elas não têm família?

- Osman, não podemos prejudicar a quem quer que seja.

- Acho que tem razão, o julgamento não deverá ser feito por nós, mas esses fatos me dão um grande aperto no peito.

- Confesso que sinto o mesmo, o meu coração está preste a explodir.

- Lúcia, aquela garotinha não sai do meu pensamento, a imagem dela me faz lembrar alguém que conheço, mas infelizmente não lembro quem.

Francisco Dias dá a sua opinião naquele momento de aflição:

- Acho melhor voltarmos para ajudar aquela frágil mãe, e resgatar aquela menininha que está precisando de nós.

Imediatamente os três entram no carro e retornam onde deixaram mãe e filha, mas infelizmente não as acham, procuram pela redondeza, mas ninguém sabe dos seus paradeiros. Assim, desistem depois de incessante busca e tristes retornam à residência.

## *Três meses depois.*

Lúcia se dirige para a igreja com um lindo par de brincos de ouro e o marcante perfume. Osman se encanta quando a noiva entra no santuário. Emocionado com a lembrança do passado, Osman respira fundo e lágrimas correm pelos seus olhos. Ídiman impecavelmente trajando um terno azul, orgulha-se por ser um dos padrinhos e fica contente por conduzir a noiva até o altar. Por sua vez, Francisco Dias também se sente feliz por ser um dos responsáveis pela realização do enlace matrimonial. Quando o sacerdote faz o sinal da cruz e declara marido e mulher, o gorjeio do bem-te-vi ecoa pelo salão do templo. Imediatamente, eles olham para o candelabro para ver se avistavam o Pássaro-anjo, mas não encontram nada, só o som repetitivo se fazia presente:

- Bem-te-vi! Bem-te-vi! Bem-te-vi!

Eles ficam encantados com o soar melódico do Passarinho e sentem uma profunda paz por saber que um Anjo veio glorificar o casamento. Os noivos começam a caminhar entre os convidados até a porta de saída. Francisco Dias e Ídiman os levam para o cais do porto onde um navio os espera para uma viagem à Europa. Ao se despedirem, Lúcia beija o filho e dá um fraterno abraço em Francisco Dias. Osman faz

o mesmo e aproveita para passar algumas ressalvas:

- Francisco, cuide bem da casa até o meu retorno.

- Não se preocupe, deixarei tudo em ordem, pode confiar em mim.

- Muito obrigado por me ajudar nas horas que mais preciso. Fique certo de que nesta viagem o levarei no coração, pois sabes que é mais que um irmão.

Eles se abraçam comovidos e se despedem com o coração partido, em seguida, Osman fala ao filho:

- Ídiman, dá-me um beijo na face, pois levarei esse aconchego na lembrança.

De repente, uma voz chama os passageiros pelo microfone. Osman e Lúcia sobem a rampa que dá acesso ao navio. Ídiman observa o embarque e, ao mesmo tempo, admira a beleza do transatlântico onde suas cores azuis com nuances brancas camuflavam-se entre as baixas nuvens que corriam no céu. Naquele instante, um inexplicável nevoeiro encobre parte da embarcação, deixando apenas na amostra o nome da navegação: ETERNIDADE AZUL. Contudo, um brilho aparece no topo de um longo mastro, e uma abóbada celeste envolve todo o barco, dando a sensação de uma grande comunhão entre o sonho e a realidade, entre o concreto e o surreal. Apesar disso, uma paz toma conta do ambiente, e propicia a relação de sentimentos que envolviam aquele momento.

Alguns minutos se passam, logo escutam três apitos que avisa a partida. No mesmo segundo, Osman e Lúcia olham para a beira do cais e acenam para os seus entes queridos, Francisco Dias e Ídiman também correspondem ao aceno e observam o bater de espumas que teimosamente respigavam em suas roupas. De repente, um vento se faz presente esvoaçando os cabelos, dando a sensação que algo havia acontecido. Então retornam para o estacionamento onde deixaram o carro. Chegando próximo ao veículo, Francisco Dias assusta-se com uma mulher encostada ao lado da porta. Ele olha mais atentamente e reconhece que é a mesma mendiga que encontrou na calçada do fórum quando foram trocar a identidade de Lúcia.

- O que está fazendo aqui? Como nos encontrou? Nós a procuramos por toda a cidade e ninguém soube do seu paradeiro. Cadê a garotinha que estava contigo?

A pedinte um tanto abatida, responde deprimida:

- Manuela está dormindo na grama do estacionamento.

Francisco Dias vira-se para o lado e avista a menininha adormecida sobre a relva. Contento por reencontrar a quem queria achar, continua a perguntar:

- Estamos longe do centro da cidade, como chegou aqui?

- Peguei carona em um caminhão que estava abastecendo num posto de gasolina, quando vi o carro de vocês os segui até aqui.

Ídiman, ao ouvir a dona da marcan-te voz, fica surpreso por reconhecer a pe-dinte:

- Analice! O que aconteceu com você? Quem é essa criança que leva contigo?

Ao ouvir o surpreso comentário, Francisco Dias se assusta por descobrir que eles tinham intimidade:

- Vocês se conhecem?

- Claro que sim, estudamos em um cursinho de pré-vestibular. Eu passei para Literatura e ela para Medicina.

Com aquela declaração, Francisco Dias fica boquiaberto por saber que uma pe-dinte tinha passado para a faculdade. Com isso, permanece quieto, deixando os dois se entenderem. Ela, constrangida por se encontrar naquele estado de miséria, abaixa a cabeça e fala baixinho:

- Ídiman, Deus o colocou em meu caminho, preciso de ajuda, não me abandone como da última vez.

- Analice, ainda não respondeu, quem é essa criança?

- Essa menina é a nossa filha.

Ídiman arregala os olhos, fica paralisado, respira fundo e continua no surpreendente diálogo:

- Como pode ser isto? Nunca soube da sua gravidez!

Eles recordam do passado, e os seus olhos se enchem de lágrimas.

- Analice, vamos para a minha casa, lá conversaremos melhor.

Ela agradecida pelo convite dá um sorriso, ele retribui, e pega Manuela no colo, levando-a para o carro. Ali a deita no banco traseiro e pede ao motorista que os levem. Francisco Dias os conduz na maior satisfação e observa pelo espelho retrovisor a jovem por a cabeça no ombro de Ídیمان.

Ao chegar, Ana e Manuela tomam um banho. Minutos depois, mãe e filha ficam na sala, agarradinhas no sofá. Ídیمان retira os sapatos e sobe na poltrona, ali aconchega as duas, fazendo cosquinhas em seus pés, elas começam a sorrir como duas adolescentes. Ele pergunta para a filha:

- O que a minha Manuela quer comer?

- Toda vez que passava em frente à lanchonete dava uma vontade de comer pizza, mas mamãe não podia comprar.

- Minha filha, papai fará a sua vontade.

Ídیمان encomenda uma pizza gigante, eles degustam sem cerimônia, a menina repete alguns pedaços, depois pula no pescoço do pai. Francisco Dias, observando a atitude da garota, reclama por não ser agraciado pelo carinho:

- Princesinha, também quero um beijinho.

A garota estica a cabeça e beija a testa de Francisco, depois fala para a mãe:

- Agora tenho dois pais!

Ana se ilumina com a alegria da filha, logo se prepara para contar a Ídiman o motivo que a levou a decadência. Ele permanece ao lado dela, segura as suas mãos e fica aguardando a explicação:

- Não quero que tenha pena de mim quando souber o quanto sofri.

- Analice, não precisa se preocupar com o que estou pensando. Tenho consciência de que a vida é uma gangorra, às vezes, estamos bem, outras vezes não somos ninguém.

Ana fica mais confiante com as palavras de Ídiman, assim começa a contar a difícil história de sua vida:

- Quando você me abandonou...

Ídiman a interrompe, não concordando com o início da narrativa.

- Não foi bem assim. Não a abandonei simplesmente me afastei porque tinha um objetivo de vida.

- Não é a mesma coisa?

- Claro que não, depois que o seu pai morreu, sua mãe mudou-se para o Sul. Você foi com ela, alegando ser filha única. Não aceitei a proposta de morar contigo porque precisava terminar os estudos. Então não a abandonei, simplesmente optei por um caminho e o destino quis que ficasse sozinho.

- Se pensa assim, respeito a sua opinião, mas não tinha o direito de me deixar naquela ocasião.

- Analice, conscientize-se de que essa é a realidade da vida.

- Pena que não concorde com essa filosofia. Agora me deixe contar o que se passou, pois tem o direito de saber o que aconteceu depois da nossa separação.

- Analice, fique à vontade.

- Quando nos afastamos, apaguei o número do seu celular e prometi que nunca mais ia procurá-lo. Ao descobrir que estava grávida, resolvi manter a promessa e criar Manuela sem a sua colaboração.

- Analice, você fez mal em esconder esse fato, por isso, não tive o prazer de ver a minha filha nascer.

Ela abaixa a cabeça, em seguida, retorna na explicação:

- Depois de cinco anos, regressei para o Rio de Janeiro e tentei encontrá-lo, mas não lembrava o número do seu telefone e nem sabia onde você morava. Uma semana depois, estava sem dinheiro para comprar o que comer. Por casualidade esbarrei em um caridoso homem de cadeira de rodas que matou a nossa fome. O seu motorista pode confirmar.

Francisco Dias ratifica toda a história, depois fica observando o desenlace da conversa.

- Analice, esse cadeirante que te ajudou se chama Osman, e por acaso é o meu pai, e conseqüentemente avô de nossa filha.

Ao saber que Osman tinha matado a fome da netinha, os olhos de Ana se enchem de água.

- Ídiman, desculpe-me por ser tão egoísta em não fazê-lo compartilhar da minha gravidez.

- Analice, esse assunto já é água passada. Agora me conte como perdeu todos os bens da família.

- Depois que mamãe ficou viúva, apareceu um bonitão em sua vida e a levou a falência. Perdemos tudo: a fábrica de roupas, casa e os carros.

- E Dona Lurdes, por onde anda?

- Infelizmente ela morreu por desgosto, e não tive como enterrá-la decentemente.

Ídiman abaixa a cabeça em respeito à memória de Dona Lurdes, que tanto admirava.

- Analice, gostaria de levar flores para sua mãe.

- Onde ela estiver se sentirá feliz com a sua lembrança.

- Dona Lurdes se orgulhava em ter uma futura médica na família. Você conseguiu terminar a faculdade?

- Mais um fracasso em minha vida. Não tive como pagar a mensalidade.

- Analice, agora não precisa se preocupar, pois temos uma filha para criar e um amor para reatar.

- Confesso que não entendi, pode repetir?

- Claro que sim, quero voltar a sentir o calor do seu amor.

Naquele momento, Ana não perde tempo e beija Ídiman até no pensamento.

- Sonhava com essa ocasião. Confesso que nunca o esqueci, sempre o levava dentro de mim.

Eles se abraçam loucamente, a seguir pegam Manuela no colo, o que a faz estremecer de tanta alegria. Logo após, Ídiman fala no ouvido da menininha:

- Papai estará sempre a seu lado. Você é tudo para mim.

Ao ouvir a confissão de amor pela filha, Ana sente-se a mãe mais feliz do mundo, e aproveita a oportunidade para fazer um pedido:

- Ídiman, para completar o meu ciclo de felicidade gostaria de terminar a faculdade. Você me ajuda?

- Analice não se preocupe, voltará a estudar, prometo.

Ela dá um belo sorriso de gratidão. Ele corresponde lhe dando um longo abraço e num ímpeto fala para as duas:

- Agora, vocês terão uma grande surpresa!

Elas ficam na maior expectativa quando Francisco Dias as leva ao shopping

para fazer compras. Horas se passam, e retornam para casa, abarrotadas de vestidos, sapatos e brinquedos. Ídiman quando as vê com o novo vestuário não as reconhecem, elas estavam lindas! Manuela levava um lindo laço de fita nos cabelos. O vestidinho branco com bordados rosa fazia par com as meias soquetes e o sapatinho rosa com várias estrelinhas que brilhavam quando ela pisava no saltinho, com esses apetrechos, ela parecia uma bela fadinha que encantava a todos. Ídiman fica extremamente orgulhoso ao observar a filha desfilando na sala, dando um lindo sorriso e dizendo:

- Papai, eu te amo!

Emocionado com a declaração da filha, Ídiman a levanta no ar, dá três rodadas e a beija várias vezes, depois a coloca no chão e olha para a sua amada. Ana não ficou para trás, estava linda demais, seu vestido longo com estampas coloridas a renascia para a vida, seus brincos de argola invejava a quem namora, e o seu batom de tom escarlate fazia Ídiman enlouquecer por tanta sedução, pois a florava ainda mais a sua paixão.

- Agora que as duas estão lindas, farei uma outra surpresa para enaltecer essa beleza!

Ana tenta adivinhar o que Ídiman estava planejando para fazê-las ainda mais felizes. Ele dá um sorriso, e chama o motorista:

- Francisco pegue o carro, vamos sair.

Os quatro entram no veículo e quando passam em frente à faculdade de medicina, Ídiman pede a Francisco Dias para estacionar no pátio. Ana, ao perceber a intenção do amado, respira ofegante e fica trêmula de emoção:

- Analice, farei a minha parte em ajudá-la a terminar o que tanto sonhou.

Eles vão à secretaria e fazem a inscrição. Logo após, dirigem-se a uma outra escola para matricular Manuela no ensino fundamental. A menina se enche de alegria e aproveita para comprar o material escolar e mais uma vez declara.

- Papai, eu te amo!

Ídiman fecha os olhos e controla-se para não se emocionar com as puras palavras da filha. Assim, regressam para o lar.

Em uma bela manhã, Ídiman se lembra de que era a data do retorno de Osman e Lúcia da lua-de-mel, o desembarque estava marcado para as 16 horas. Eles preparam uma recepção para os recém-casados. Ídiman reserva um famoso restaurante da cidade para a confraternização. Ana e a filha vestem as melhores roupas e entram no carro felizes da vida. Francisco Dias estaciona no pátio do cais, eles caminham até a beira do mar, aguardando a chegada do navio. Manuela se encanta com as gai-votas que pousam nas estacas de madeira,

pega algumas pedrinhas e joga no espelho-d'água, a seguir se surpreende quando observa o saltar de um peixe entre as tranquilas ondas. Depois de tanto esperar pela chegada do casal, Ídiman resolve perguntar a recepcionista que atendia em um balcão ao lado:

- Boa tarde! A senhora poderia informar quando o transatlântico "Eternidade Azul" vai chegar?

A atendente o olha com assombro e, por alguns segundos, fica pasma com a pergunta. Mesmo assim, abre o cadastro de embarcações. Depois de extensa procura, ela fala intrigada:

- Em meus registros não existe nenhuma embarcação com essa denominação.

- Minha senhora, sou filho de uma pessoa que embarcou nesse transatlântico. Meu pai seguiu viagem para Europa, nos despedimos bem aqui. No entanto, não estou enganado, por favor, olhe novamente a relação, pois existe algum erro em seus arquivos.

- Meu senhor, trabalho há trinta anos nessa repartição, e conheço cada transporte marítimo que frequenta esse cais. Tenho convicção do que digo.

Ídiman começa a ficar preocupado por não entender o que estava acontecendo. Naquele momento, Francisco Dias entra no assunto:

- Minha senhora! Somos adultos para chegarmos a um bom senso, se não encontrou o registro do transatlântico, temos o direito de informar às autoridades sobre o seu sumiço.

- Meu senhor, estou aqui para prestar um bom serviço, por isso lhe passarei a relação de números telefônicos para o contacto.

- Agradecemos à compreensão.

Francisco Dias pega o catálogo e, de imediato, faz a comunicação:

- Capitania dos Portos, por favor!

- Sim! O que deseja?

- Estamos no porto de Ibirapitanga, esperando um transatlântico e fomos informados pela administração que o navio não consta em seus registros. Queremos certificar a veracidade da informação.

- Por favor, passe-me o nome da embarcação.

- “Eternidade Azul” é o navio que procuramos.

Depois de alguns minutos, chega o relatório da Capitania dos Portos, declarando que não havia indícios do navio. Insatisfeitos com a notificação, eles vão para os jornais e outros meios de comunicação e divulgam o sumiço da embarcação. Os dias se passam, meses voam e ninguém explica o desaparecimento do transatlântico e de Osman e Lúcia. Depois de um ano, Ídیمان

extremamente abatido, reúne toda a família e declara:

- Infelizmente temos que ser realizadas, fizemos o que estava ao nosso alcance para encontrar a quem amamos. Agora só nos resta rezar e colocar na mão de Deus os seus destinos, só Ele poderá desvendar esse mistério. Ana aproveita a ocasião e fala comovida:

- Também passei por momentos difíceis com a perda dos meus pais. Agora só o tempo para amenizar esse sofrimento.

Ídiman tenta retribuir as palavras de conforto, mas a sua garganta resseca e uma angústia toma conta do seu corpo. Contudo, não perde a esperança de encontrar o pai e vai diariamente ao cais à procura de um milagre. Todos os dias, ele caminha próximo à praia e observa a linha do horizonte, quando cai em si, as suas lágrimas rolam, respingam no mar e se misturam com as ondas que sorrateiramente batem nas pedras. Ao pôr-do-sol, ele retorna com a incumbência de regressar no dia seguinte e viver na expectativa de encontrar quem tanto ama. A noite chega, Ídiman senta-se ao lado de Ana e externa o seu sentimento:

- O que sinto é uma dor tão profunda e tão ardente que me consome a alma. Analice, não sei se é o momento certo, mas temos que tomar uma decisão.

- Que decisão?

- Devemos nos casar para oficializar a nossa união.

- Ídiman, sabe quanto o amo e ficarei muito feliz em ser a sua esposa.

## *Noventa dias depois*

Ana retoca a maquiagem, põe um belo vestido longo e uma grinalda, em seguida olha-se no espelho e se sente encantadora. Posteriormente ajuda Manuela a se vestir, e admira a filha pela elegância e a postura de princesa. Francisco Dias devidamente trajado as espera na porta da garagem e as leva para a Igreja Matriz, onde o noivo aguardava. No caminho, eles olham pelo vidro transparente do carro e observam os cachos de acácia balançar a favor do vento. Com aquela sedutora visão, Ana recorda-se de quando conheceu Ídiman e de como a faz feliz. Então abraça a filha e enxuga as lágrimas com um lenço de pura seda que Ídiman lhe deu de presente. Emocionada, retira da bolsa o frasco do perfume que Lúcia lhe ofertou quando se conheceram na calçada do fórum. Ana e Manuela se aromatizam com o bálsamo e se sentem nas nuvens, flutuando entre as estrelas.

Ao chegar à igreja, Ana pisa elegantemente sobre o tapete vermelho e a fragrância do perfume contagia os convidados que a esperavam sentados no banco de madeira. De repente, um som agudo se faz presente na abóbada do santuário. O gorgheio era tão harmônico e tão doce que todos

olham para o candelabro onde o bem-te-vi se exibia graciosamente. A paz dava o tom naquela atmosfera e os noivos se emocionam com o pássaro como tivessem recebido um presente de Deus. Ana chega ao altar, segura as mãos de Ídiman que estavam suadas. Manuela se aproxima com passos delicados. A menina anda vagarosamente entre os convidados, sobe os degraus da basílica e entrega ao padre as alianças que estavam em uma pequena almofada vermelha, depois caminha para o lado e senta-se em uma confortável cadeirinha azul. Um coral de cinco vozes acompanha o cerimonial que harmonizava com o solfejo do bem-te-vi. Padre Eugênio comenta o fato e ressalta a presença divina no casamento, em seguida, faz o sinal da cruz, santifica as alianças e entrega aos noivos. Os recém-casados se beijam e saem felizes do templo.

Em casa, Ana faz uma pequena recepção aos íntimos, e conversa com Domingas, uma amiga de faculdade:

- Fiquei contente por ser madrinha do meu casamento!

- Analice, gostei da cerimônia, aquele inesperado gorjeio do pássaro abrilhantou ainda mais a celebração.

- Também me emocionei com o bem-te-vi, ele parecia um anjo desejando felicidades.

- Foi linda e comovente a sua união, todos comentaram a beleza do seu vestido.

- Domingas, você é muito gentil, e gostaria de agradecer a sua boa vontade de ficar com Manuela, durante a minha viagem de lua-de-mel. Espero que ela não dê trabalho.

- A sua filha é um doce de menina, tenho certeza de que nos divertiremos muito.

- Falando nisso, pegarei o avião nesta noite para as Serras Gaúchas, estarei ausente durante uma semana, o meu motorista ficará a sua disposição para qualquer eventualidade.

Naquele instante, Francisco Dias aproxima-se educadamente e cumprimenta a noiva, ela corresponde. Ele dá um sorriso, Ana o abraça e aproveita para apresentar a grande amiga que cuidará de Manuela durante a sua ausência, depois pede licença para atender a outros convidados. Sozinhos, Francisco Dias desfruta da companhia simpática de Domingas e aproveita o momento para dirigir algumas palavras:

- Após a recepção levarei Manuela e a senhora para casa.

- Agradeço pela gentileza, o senhor é muito amável, mas te peço que não me chame de senhora.

- Tudo bem, Dona Domingas.

- Não, apenas Domingas.

- Domingas, não esquecerei.

- Agora estamos nos entendendo.

Os dois dão uma bela gargalhada e se divertem com a descontração.

- Percebo que o senhor é uma pessoa iluminada, a sua presença será de grande valia.

Francisco Dias dá um belo sorriso e é correspondido pela encantadora jovem, aperta a mão dela com extrema leveza, ficam dialogando por um longo tempo e se cativam como amigos. Ao término da conversa, ele conduz Domingas e Manuela à casa. No dia seguinte, toma café com as duas e vão ao shopping na maior alegria. Eles se divertem como três adolescentes, tomam sorvetes, entram nas lojas de brinquedos e bôiam em uma grande bola transparente que fica em uma improvisada piscina próxima à praça de recreação. Em seguida, tiram algumas fotos para não se esquecerem daquele prazeroso momento, e descansam no banco de vime enfeitado de flores artificiais que pareciam naturais. Todos os dias eles planejavam uma novidade, visitam o zoológico, assistem a um filme no cinema, vão ao parque de diversões onde Manuela adorava a montanha russa e a roda gigante. Francisco Dias e Domingas cuidam da menina como fosse a própria filha e conversam sobre o prazer de se dedicar a uma criança.

Uma semana se passa, Ídiman e Ana retornam da lua-de-mel, Francisco Dias vai com as amigas pegar o casal no aeropor-

to. No reencontro, confraternizam trocando abraços e comentários sobre a inesquecível viagem. Em seguida, os recém-casados agradecem a Domingas pelo acolhimento da filha enquanto estavam ausentes, depois se dirigem para casa na maior alegria. Quando chegam, Ídiman exhibe algumas caixas que despertam grande curiosidade. Ana aproveita o momento de indiscrição para entregar os presentes que comprou na viagem. Ela chama Manuela e oferece a primeira lembrança, a menina ao deparar-se com o embrulho colorido, rasga o papel que envolvia aquela expectativa e se encanta com a boneca que falava o seu nome. Domingas, ao observá-la, emociona-se ao ouvir o som repetitivo do brinquedo:

- Manuela! Manuela! Eu te amo! Eu te amo!

Assim, todos se envolvem com a alegria da menininha. Depois de restabelecida da emoção, Domingas também abre a sua lembrança deparando-se com um lindo anel de ouro branco com pedras escarlates. Ela fica sem palavras para traduzir o sentimento de gratidão por ser lembrada num momento tão especial de sua vida. Francisco Dias vendo a marcante cena fica feliz por também ser lembrado. Sutilmente abre a sua surpresa, uma pequena caixa trazia em seu interior um molho de chaves em um bonito chaveiro. Ele fica intrigado com o presente e pergunta:

- Confesso que não entendi. O que isso significa?

- Francisco, o que lhe damos é muito pouco em relação ao que merece.

- Continuo não entendendo, as suas palavras não estão claras.

- Se quer realmente entender é só atravessar a rua e abrir a porta da sua nova residência, é a casa azul que fica na esquina.

Francisco Dias arregala os olhos, o seu coração acelera com a inesperada surpresa. Depois de alguns segundos, respira fundo e indaga:

- Não posso aceitar esse presente, não fiz nada para obtê-lo.

- A documentação dessa casa já está em seu nome. Então não pode negar o que te pertence.

Francisco Dias fica sem reação e cala-se em sua perplexidade. Contudo, abraça o casal como fossem seus próprios filhos, depois vai conhecer a sua nova propriedade. Domingas o congratula, despede-se de todos e vai embora.

A noite chega mansa com a lua, todos dormem menos Ídiman, que angustiado anda perambulando pelo quarto. Ele abre a janela, observa as estrelas, e um cometa atravessa o céu. Fecha os olhos e faz um pedido ao astro cadente. A seguir retorna o olhar para o infinito e tenta contar as estrelas que o enchem de interrogações, assim

pensa se tornar uma delas para ver do alto a imensidão do mar e descobrir o mistério do navio que provocou o sumiço de Osman e Lúcia.

Pela manhã, Ídiman acorda cedo e vai para o cais do porto no intuito de encontrar o navio que conduziu Osman a um inexplicável destino. Fica em pé ao lado de uma pedra e recorda-se de cada momento, de cada atitude, de cada movimento no dia do embarque, principalmente o aceno da despedida. Então permanece por horas, sentindo o vento em seu corpo, depois abaixa a cabeça e retorna à casa, extremamente abatido. Ao abrir o portão, Manuela corre em sua direção para abraçá-lo e beijá-lo. Naquele instante, a esperança se renova em seu peito como a fênix que ressurgue das cinzas. De repente, Francisco Dias o chama para uma séria conversa:

- Ídiman, espero que aceite o que vou propor.

- Não sei do que se trata, mas ouvirei com atenção.

- Escolhi você para ser padrinho do meu casamento. O que acha?

Ídiman leva um susto ao saber que Francisco Dias pretendia se casar, pois nunca soube que tinha uma secreta noiva.

- Você está falando sério?

- Claro que sim. Acredito que Domingas está nesse exato momento convidando a

sua esposa para também ser madrinha do nosso casamento.

Ídiman o congratula, desejando toda a sorte do mundo e faz questão de patrocinar a festa de núpcias. Depois de muita insistência, Francisco Dias aceita o patrocínio, mas enfatiza que desejava simplicidade no festejo.

Em uma noite estrelada, eles entram no templo enfeitado com flores de acácia e caminham em direção ao altar. Quando Manuela entrega as alianças ao sacerdote, mais uma vez o gorjeio do pássaro se faz presente na abóbada da basílica. Eles olham e avistam o mesmo bem-te-vi que abrilhantou o casamento de Ídiman. Assim, os noivos têm a convicção de que estão sendo abençoados por Deus, e que a felicidade estava garantida em suas vidas. Eles deixam o templo sob uma chuva de arroz que é jogado pelos convidados e seguem para o aeroporto onde decolam em um avião que os conduz para a cidade de Natal. Ali permanecem por duas semanas, visitam as praias afrodisíacas e caminham sobre as areias tropicais.

Na data marcada, Ídiman, Ana e Manuela vão ao aeroporto aguardar a chegada dos amigos. A menina senta-se com a mãe no banco de espera do saguão e pede ao pai uma revista em quadrinhos que estava exposta em uma banca de jornal. Ídiman compra o almanaque de um super-herói e deixa a filha desfolhando algumas páginas.

A seguir ele vai à lanchonete para tomar um café. De repente, escuta dois homens em uma tensa conversa ao lado do balcão:

- Tenho certeza de que esse avião não chega, o tempo está péssimo, a chuva não para e o vento produz fortes rajadas naquela região.

- O que mais preocupa é a vinda da minha irmã do Rio Grande do Norte. Ela está com os meus dois sobrinhos e um tio de setenta anos que vem me visitar.

- Só Deus para evitar essa tragédia. O aguaceiro vai provocar um dos maiores acidentes aéreos do país, pois estão a bordo mais de noventa passageiros.

Ídiman, ao ouvir o fatídico comentário, dirige-se rapidamente a recepção do aeroporto e pergunta sobre o voo que conduzia Francisco Dias e Domingas:

- Por gentileza, poderia informar o que está acontecendo? Acabei de ouvir comentários sobre uma tempestade que pode derrubar o avião que vem da cidade de Natal.

- Meu Senhor, estamos em estado de alerta. A aeronave sumiu do radar e não sabemos o que ocorreu com os tripulantes.

Naquele instante, Ídiman começa a perder o controle emocional. Ana, ao ouvir a alta voz do marido, corre para saber o que estava acontecendo. Manuela fica assustada, pois não tinha visto o pai tão nervoso.

Ele bate com a mão no balcão, exigindo explicações:

- Como pode um avião sumir? Isso não é admissível para uma companhia tão conceituada.

- Meu senhor tenha calma! Vamos informar todos os detalhes assim que recebermos o comunicado da central.

- Como posso ter calma se um casal de amigos encontra-se nesse voo.

- Meu senhor, não temos culpa do que está acontecendo, somos apenas auxiliares, tente entender a nossa posição. Além disso, também estamos apreensivas, pois companheiros de trabalho estão a bordo desse avião.

Ana abraça o marido para acalmá-lo, depois o leva para sentar-se no banco de espera, ele angustiado murmura no ombro da amada:

- O que fiz a Deus para tanto sofrimento?

- Você sabe que o amo e estarei sempre a seu lado. Temos que ter fê e acreditar que tudo se revolverá.

Manuela ao pressentir a tristeza do pai, acaricia os seus cabelos e diz baixinho em seu ouvido:

- Papai do céu sabe o que faz. Eu e a minha boneca vamos pedir a Deus para tio Francisco e a tia Domingas.

Ao ouvir as palavras da filha, Ídi-man enxuga as lágrimas que pingavam na

revistinha em quadrinhos de Manuela. A menina, ao observar as gotas que molharam o seu super-herói, fala comovida:

- Pai! Não se preocupe por ter molhado o homem-chama, ele vai se recuperar, acendendo a tocha atômica que fica ao lado do coração. Ele nunca falhou em sua missão, em socorrer as pessoas que a gente ama.

Ídiman abraça a filha com um sentimento indescritível, fecha os olhos por alguns segundos e descobre que o mundo também é feito de pureza onde a criança sabe como ser feliz nas horas mais difíceis da vida. Assim, ele se acalma e retorna à recepção em busca de mais informações sobre o suposto acidente aéreo:

- Já tem alguma notícia?

- Estamos esperando o relatório do comando geral.

O tempo passa e os minutos viram horas, quando chega o comunicado:

- Acabamos de saber que a tripulação está bem e que o avião estará pousando daqui a trinta minutos.

Naquele instante, uma sessão de aplausos ecoa pelo saguão do aeroporto, as pessoas se abraçam e comemoram. Ídiman, Ana e Manuela observam a chegada de cada passageiro e ficam apreensivos quando o último tripulante passa pela roleta lateral. Preocupados por não encontrar os amigos, eles retornam a recepção para saber o que havia ocorrido:

- Minha senhora, as pessoas que esperávamos não estão neste voo. O que está acontecendo?

- Meu senhor tenha calma. Dá-me o nome completo dos passageiros.

Ela verifica a relação dos tripulantes que embarcaram no aeroporto do Rio Grande do Norte e confirma que Francisco e Domingas não estavam naquele voo. Estarrecido por não entender o que estava acontecendo, Ídiman rasga alguns folhetos que estavam sobre o balcão e joga na cesta de lixo. Depois espera a posição das autoridades para tentar esclarecer o caso. Contudo, ninguém dá explicação sobre o estranho sumiço dos amigos, depois de horas eles vão para casa aguardar o comunicado da Polícia Federal. Dias se passam quando recebem o telefonema de um agente público:

- Boa tarde! Gostaria de falar com o senhor Ídiman.

- Pois não! Está falando com ele.

- Meu nome é Cristóvão da Madre de Deus, fiquei encarregado de descobrir o paradeiro do senhor Francisco Dias e de Dona Domingas.

- O senhor os encontrou?

- Tenho notícias que não sei se lhe agradarão.

Naquele instante, Ídiman congela pela expectativa, sua mão estremece e deixa cair o telefone sobre a mesinha da sala. Ana, ao ouvir a queda do aparelho, assusta-

-se e observa o marido em pé com os olhos estatelados, ela corre e se certifica se ainda tem alguém na linha:

- Alô!

- Sim! Quem está falando?

- Aqui é a esposa do Ídیمان. Gostaria de saber o que está acontecendo para o meu marido ficar tão atordoado.

- Minha senhora! Sou agente da Polícia Federal, estava falando a respeito do desaparecimento de um casal.

Ana fica apreensiva com as palavras do policial, mas permanece firme no intrigante diálogo:

- Senhor, o meu esposo não tem condições de atendê-lo, ele está a meu lado em estado de choque.

- Minha senhora, o que tenho a revelar é algo muito estranho, uma incógnita que ainda não deciframos.

- Já estou nervosa, diga logo o que descobriu.

- Francisco Dias e Domingas da Silveira Dias passaram uma semana em um hotel cinco estrelas na cidade de Natal, visitaram alguns pontos turísticos, jantaram nos melhores restaurantes e num dia de sol foram conhecer a praia dos amores que fica em um lugarejo quase deserto, e lá embarcaram em um navio chamado “Eternidade Azul”.

- Como sabe o nome do barco?

- Descobrimos porque um pescador os vira subir nessa embarcação.

- Tem certeza de que esse era o nome do navio?

- Claro que sim!

Naquele instante, Ana despenca na poltrona e fica perturbada ao saber que o misterioso navio também levou Francisco Dias e Domingas. Depois de alguns segundos, retorna ao telefone e relata para o policial que Osman e Lúcia igualmente foram levados pela mesma embarcação. Cristóvão fica intrigado com o esclarecimento, despede-se, prometendo telefonar assim que tivesse mais informações sobre o caso. Ídiman escuta toda conversa e lamenta não poder resgatar as pessoas que tanto amava:

- Analice, não sei o que fazer para encontrá-los.

- Ídiman, alguma coisa me diz que tudo se resolverá no devido momento.

- Gostaria de ter a sua fé, mas infelizmente me sinto fragilizado. Agora, por favor, deixe-me sozinho.

Ana afasta-se em silêncio até o quarto da filha, Ídiman caminha e abre vagarosamente a porta da sala, olha no quintal e repara o veículo que estava na garagem, pega as chaves e segue entristecido para o cais. Ali permanece por horas lembrando-se do navio que misteriosamente desapareceu com a sua família. Então decide conhecer o local onde o detetive Cristóvão deu a última

pista da embarcação. Ele volta para casa, pede à esposa que faça as malas e viajam no outro dia para o Nordeste. Chegando a Natal, eles se hospedam no mesmo hotel e ficam no mesmo quarto que acolheu Francisco e Domingas. Em seguida, seguem para o lugar onde foi visto o navio “ETERNIDADE AZUL”. Chegando à praia, surpreendem-se com a beleza à beira-mar. A areia era tão branca que parecia de algodão, as conchas brilhavam com o reflexo solar. As espumas que flutuavam sobre a água provocavam um visual que ofuscava os olhos, os coqueiros balançavam a favor do vento e as maritacas gorjeavam sobre as pitangueiras. Naquele instante, Manuela corre entre as estrelas marinhas que deslizavam sobre as pequenas ondas e molhavam os seus pés.

Os três se encantam com o pequeno paraíso, Ídiman caminha, seguindo até as montanhas rochosas, Ana e Manuela ficam fazendo desenhos no chão que são apagados pelas águas que embebedam o solo arenoso. Depois de uma hora, Ídiman retorna da longa caminhada e não as encontra, ele chama pelos seus nomes e ninguém responde, grita loucamente e o eco espanta as garças que levantam voo sobre a sua cabeça. Naquele instante, ele observa o oceano e nada vê, olha para o céu e não acha a resposta que tanto procurava, quando a mão de um homem toca em seu ombro, indagando:

- Pai, o senhor está gostando do livro?

Osman desperta da concentrada leitura, respira fundo, enxuga as lágrimas que ainda estão em seu rosto e fala ao filho:

- Ídiman, estou extremamente emocionado, o seu livro despertou sentimentos que há muito tempo não sentia.

- Obrigado pelas suas palavras, mas não se esqueça de que o senhor foi o maior incentivador dos meus escritos. Agora vamos ao refeitório porque mamãe está chamando para tomar um chá com torradas.

Osman fecha o romance que acabara de ler e o guarda na gaveta da escrivaninha, depois se dirige em sua cadeira de rodas até a copa. Lúcia, ao vê-lo extremamente feliz, dá-lhe um beijo na boca, Manuela enciumada com a atitude da avó, também beija o avô e faz um carinho em seu rosto. Naquele instante, Analice chama a filha e a faz sentar-se ao lado do tio Francisco Dias que gentilmente passa o requeijão para a esposa Domingas. Após a degustação, Osman vai ao quintal e admira o ninho do bem-te-vi sobre o galho de acácia, que dava sombra a casa, retorna para a biblioteca e pega o livro do filho “O revisor”, mais uma vez recomeça a leitura para ver se encontrava algum erro que passou despercebido. Quando está no segundo capítulo, o aroma de um perfume invade a biblioteca. Ele assusta-se com a presença da fragrância e observa um vulto

de mulher passar pelo vitral da janela. Um tanto confuso pelo acontecimento, vai até a calçada para ver se reconhecia a dona do agradável aroma quando vê passar um táxi com uma jovem de óculos escuros, exalando o marcante bálsamo. Naquele instante, Osman fecha os olhos em uma profunda reflexão e fica perplexo entre a realidade e a fantasia, entre o palpável e o invisível, não definindo se um livro é um sonho de realização ou uma realidade encoberta pela imaginação.

*FIM*

# **Anexos**

# Crítica literária

O princípio organizador da obra “O Revisor”, sugere imagens através da leitura que o revisa, onde contempla a paisagem da Ilha de Itioca e fotografa com a mente, transcendendo a intimidade do autor, passa a viver em devaneio. Atraído por um plano obscuro e misterioso, um perfume inconfundível o leva a um mergulho profundo chegando ao inconsciente, e lá depara com fenômenos, ocorrências e sensações que a lógica não é capaz de explicar.

Ao reivindicar uma literatura que traduzisse a correspondência entre o material e o espiritual, na imaginação brilhante do autor Décio Machado, onde os personagens Osman e Lúcia embarcam em transatlântico com cognome “Eternidade Azul”, simbolizando a morte como único meio de atingir a sublimação e o reencontro de um amor espiritualizado.

Apaixonei-me pela leitura, quando pressenti que nascia uma obra com traços simbolistas, ao mesmo tempo em que se acentuam novas tendências e encaminha para um novo estilo de época chamado Compactualismo Universal. Identificado por ideias compactas, se registra a arte não só como entretenimento, mas como instru-

mento de conscientização que traz informação rápida e precisa com maior velocidade e ritmo nas sequências narrativas, sem perder a qualidade da linguagem, e que se adaptam aos novos meios técnicos e revolucionários da atualidade.

Na obra emergem valores como a vida conquistando a morte através do amor de um filho, respeito e carinho, perdas e novas conquistas, o perdão aos amigos, e a morte conquistando vida, pela fé na tentativa de reencontrar o caminho para a felicidade, ocorrendo o equilíbrio de necessidades entre Deus e o homem permitindo recriar a realidade segundo nova perspectiva.

**Joilma Batista**

Graduada em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e  
Pós-Graduada em Docência do Ensino Superior

# **COMPACTUALISMO UNIVERSAL**

UM NOVO ESTILO LITERÁRIO

**Décio Machado**

Estilo literário é a expressão histórica de uma sociedade que dentro de um determinado tempo ou momento, registra o conflito psíquico coletivo que muda o comportamento humano na forma de agir e pensar.

A carta de Pero Vaz de Caminha, conhecida também como certidão de nascimento do Brasil, foi o primeiro documento registrado no começo do Século XVI, período conhecido como LITERATURA DE INFORMAÇÃO em que os relatos do Brasil para Portugal descreviam à exuberância da nossa flora, fauna e os costumes de nossos índios.

No estilo BARROCO, ocorreu um conflito entre opostos, matéria e espírito, e o homem da época tenta conciliar razão e fé; espiritualismo e materialismo, que traz grande influência na maneira de pensar e, produzir arte neste período.

O ARCADISMO OU NEOCLASSICISMO que seria um novo costume consis-

te basicamente, na recuperação dos traços principais da arte clássica.

O ROMANTISMO, período importante por seu caráter contestador e revolucionário. Seus efeitos vêm até hoje: a audácia e a anarquia que se associam a prática literária mais inovadora do inconformismo e da rebeldia.

O estilo de época REALISMO e NATURALISMO são paralelos, correspondem ao predomínio do científico e da industrialização que marcam a consolidação de uma mentalidade burguesa na Europa. A literatura que se produziu trás convicções científicas dominantes: a busca da objetividade, crença na razão, preocupações sóciopolíticas.

O PARNASIANO marcou profundamente a poesia brasileira até a revolução modernista.

Os escritores SIMBOLISTAS viam a realidade em movimento. Para eles, tudo se fragmentava, obscurecia e fugia do controle de uma representação mais configurada, delimitada.

O PRÉ-MODERNISMO não pode ser considerado uma escola literária e sim um período de transição do REALISMO/NATURALISMO para o MODERNISMO, expressão que se solidificou na sociedade brasileira. A Semana de Arte Moderna em 1922 foi marcante para o firmamento da cultura nacionalista, em que um grupo de corajosos inte-

lectuais se reuniu e mostrou através da literatura, música e artes, uma nova expressão social. Período produzido por euforia e crença no progresso.

No final do século XX e começo do século XXI, o mundo mais uma vez apresenta mudanças. A civilização tem necessidades de idéias compactas e surgem novas ferramentas que as simbolizam: o celular, a TV digital, o computador, são aparelhos conectados em um planeta globalizado. A literatura também representa essa inovação, ela acompanha a evolução e adapta-se ao novo tempo.

A virada do século mostra-nos momentos de crises: as cidades estão caóticas, o aquecimento global provoca inundações e o ser humano torna-se refém do progresso. O COMPACTUALISMO UNIVERSAL vai de encontro a estas realidades moldando-se ao começo do terceiro milênio. Esse novo estilo nega-se encarar a literatura apenas como forma de entretenimento e, faz dessa arte um instrumento de conscientização. O COMPACTUALISMO estimula a cooperação, levando a reflexão coletiva, e acentua o equilíbrio entre o antropocentrismo e o teocentrismo. Isso não é conflitante, e sim, complemento do sentimento humano. Não podemos negar a nossa fé e a habilidade de raciocinar. Assim, homem e crença se completam na busca de soluções, garantindo a perpetuação da espécie.

O leitor do Século XXI é exigente a procura da palavra carregada de hùmus, e ao mesmo tempo, capaz de transmitir alta informação estética sem perder a qualidade da fonte informativa. Por fim, devemos compactar os textos e, ser mais objetivos em nossos escritos, dando velocidade e ritmo nas sequências das narrativas, e fazer com que o leitor seja crítico da sua própria existência.